VITOR ALEXANDRE

A HISTÓRIA DE ANTHONY LEOPOLD

ALGUNS SEGREDOS
PODEM UNIR MAIS
DO QUE A VERDADE.



Dedico este livro à minha mãe, que sempre me mostrou como pode ser extraordinário desfrutar de toda a abundância que a vida e este mundo têm a oferecer.

Aos meus familiares, que sempre embarcaram comigo nos meus sonhos.

Aos meus amigos, que há anos me incentivam a adotar um cachorro. Acabei escrevendo um livro antes.

E também ao Vítor de dezoito anos, que um dia imaginou viver uma história de amor tão bonita quanto esta.

© Vitor Alexandre | São Paulo | Agosto de 2026

ÍNDICE

Índice 4

Prólogo 5

I - O Cavalo que Voltou Sozinho 6

II - A Casa Sob Suspeita 32

III - Quem Ganha com a Ausência? 49

IV - O Nome que Não Existia 65

V - A Presença Impossível 101

PRÓLOGO

No outono de 1821, a propriedade dos Shepherd ainda conservava a serenidade de uma casa onde tudo parecia ocupar o lugar correto. Cercada por jardins cuidadosamente cultivados, campos extensos e antigos carvalhos, a grande mansão abrigava uma das famílias mais ricas da Inglaterra e uma história que, vista de fora, parecia marcada apenas por tradição, elegância e prosperidade.

Por trás daquela aparente ordem, porém, começavam a se cruzar sentimentos que não deveriam existir, ambições difíceis de confessar e decisões tomadas em segredo. Havia um amor que o mundo consideraria impossível, famílias dispostas a proteger seus nomes a qualquer custo e pessoas que aprenderiam, pouco a pouco, que uma mentira pode permanecer escondida durante muitos anos sem jamais deixar de produzir consequências.

Entre encontros proibidos, interesses sobre fortunas, alianças cuidadosamente planejadas e verdades guardadas dentro da própria família, os Shepherd ainda acreditavam controlar o rumo de suas vidas. Essa certeza começaria a desaparecer numa noite de outubro, quando Arthur, o cavalo branco de Gabriel Shepherd, voltou sozinho para casa.

I - O CAVALO QUE VOLTOU SOZINHO

Como tudo começou?

Bem, talvez seja melhor começarmos contando como tudo terminou.

Naquela noite de outubro de 1821, as portas da propriedade dos Shepherd já haviam sido fechadas quando um barulho inesperado interrompeu as conversas na sala de leitura. Primeiro ouviu-se o grito de uma das criadas na cozinha, seguido pelo som de algumas panelas caindo no chão. Poucos segundos depois, algo ainda mais estranho ecoou pelos corredores: cascos avançando sobre o piso da casa.

Arthur, o grande cavalo branco de Gabriel Shepherd, havia atravessado sozinho a entrada utilizada pelos empregados, passado pela cozinha e alcançado o corredor principal da mansão.

Seu pelo estava molhado pela garoa, as patas traziam marcas de barro e as rédeas pendiam soltas ao lado do pescoço. Era um animal conhecido pela tranquilidade e pela facilidade com que obedecia a Gabriel, mas naquela noite demonstrava uma ansiedade que ninguém estava acostumado a ver. Respirava depressa e movia a cabeça de um lado para o outro, como se ainda procurasse por alguma coisa.

Gabriel não estava sobre ele.

Thomas foi o primeiro a reagir. O pequeno spaniel de Gabriel, que dormia diante da lareira, ergueu a cabeça ao reconhecer o som dos cascos e começou a latir. Logo atravessou o corredor em direção ao grande salão, seguido por Sofia Shepherd, que não precisou de qualquer outro motivo para abandonar a conversa dos adultos.

Aos dezessete anos, Sofia era uma jovem de cabelos castanhos compridos e olhos claros, com uma delicadeza que frequentemente levava as pessoas a subestimarem sua curiosidade. Prestava atenção às conversas que não lhe diziam respeito e aprendera cedo que os adultos revelavam muito quando acreditavam que os mais jovens estavam distraídos.

Ao encontrar Arthur parado diante da escadaria, observou o animal com surpresa.

“E agora? O que faremos com este intruso?”

Cecily Shepherd chegou logo atrás da filha e segurou-lhe o braço antes que ela pudesse se aproximar.

“Para começar, você vai manter distância.”

“Mas é Arthur, mamãe.”

“E continua sendo um cavalo, Sofia.”

Isadora Whitmore, amiga da família e hóspede frequente da propriedade, aproximou-se com mais cau-



tela.

“Talvez seja melhor chamar Anthony.”

Ninguém contestou a sugestão. Além de Gabriel, Anthony Leopold era a única pessoa a quem Arthur obedecia sem resistência.

Cecily voltou a atenção para a sela vazia e, pela primeira vez, pareceu compreender que havia algo mais preocupante naquela cena do que a presença de um cavalo dentro de sua casa.

“Onde está Gabriel?”

Ninguém soube responder.

Depois do jantar, alguns acreditaram tê-lo visto seguindo em direção aos próprios aposentos. Outros simplesmente não haviam reparado. Numa casa daquele tamanho, com empregados atravessando corredores, convidados circulando entre as salas e uma família acostumada a alguma liberdade dentro da propriedade, uma ausência de pouco mais de uma hora dificilmente chamaria atenção.

A chegada de Arthur mudava tudo.

Lennon pareceu à porta da biblioteca assim que ouviu a movimentação. Aos cinquenta anos, o patriarca dos Shepherd ainda conservava a presença de um homem acostumado a administrar pessoas, terras e negócios.

Era alto, tinha os cabelos começando a embranquecer nas laterais e olhos castanhos muito escuros. Sua preocupação, naquela noite, estava menos voltada ao estrago que Arthur poderia causar no piso do salão do que à ausência inexplicável do filho.

"Chamem Leopold."

Anthony apareceu poucos minutos depois.

Tinha vinte e um anos e ainda vestia as roupas simples que usara durante o dia. As botas estavam sujas de terra, o casaco não era apropriado para uma sala cheia de convidados e os cabelos castanhos, levemente ondulados, haviam sido empurrados para trás sem grande sucesso. Ainda assim, havia nele uma segurança que se tornava mais evidente quando estava próximo aos cavalos.

Assim que viu Arthur, deixou de prestar atenção às pessoas ao redor.

"O que aconteceu com você?"

Aproximou-se devagar, falando com o animal enquanto estendia uma das mãos. Arthur reconheceu sua voz e permitiu que Anthony tocasse seu pescoço. Em poucos instantes, sua respiração começou a diminuir.

"Calma, meu amigo. Está tudo bem."

Lennon acompanhou a cena em silêncio. Mary Leopold também.

Governanta da propriedade e mãe de Anthony, Mary trabalhava para os Shepherd havia mais de trinta anos. Chegara ainda menina e, com o passar do tempo, conhecera gerações da família, funcionários que haviam envelhecido e partido e todas as pequenas particularidades de uma casa que parecia possuir vida própria. Sabia quais janelas deixavam entrar vento durante o inverno, quais empregados escondiam bebida na despensa e quais assuntos deveriam ser evitados quando determinadas pessoas estavam na mesma sala.

Naquela noite, sua atenção estava especialmente voltada aos hóspedes.

Sir William Brentwood e sua esposa, Isabelle, permaneceriam alguns dias na propriedade. Os Brentwood pertenciam a uma família antiga e ainda muito rica, embora sua situação financeira já não fosse tão confortável quanto fora em outras gerações. Entre famílias do mesmo círculo, esse tipo de mudança era percebido muito antes de ser admitido por aqueles que a enfrentavam.

Sir William era um homem elegante, sempre bem vestido e cuidadoso com as palavras. Tinha o hábito de sorrir durante as conversas e de fazer perguntas com uma naturalidade que tornava difícil perceber

quando estava apenas sendo gentil e quando desejava realmente obter alguma informação.

Enquanto Anthony acalmava Arthur, ele se aproximou de Lennon.

"Esse é o filho de sua governanta?"

"Sim, Anthony Leopold."

Sir William continuou observando o rapaz por alguns instantes.

"Parece bastante próximo da família."

"Cresceu aqui."

A resposta de Lennon foi simples, mas Mary ouviu a pergunta e não gostou da curiosidade do visitante. Também não gostara da atenção dedicada por Isabelle a Sofia durante o jantar.

A senhora Brentwood passara boa parte da noite perguntando à jovem sobre os estudos, os livros de que gostava, suas viagens e até o tipo de música que preferia. As perguntas eram educadas e, isoladamente, perfeitamente naturais.

Quando reunidas, porém, haviam deixado Sofia desconfortável.

Pouco depois do jantar, enquanto os convidados começavam a deixar a sala, ela procurara Mary no corredor.

“Posso lhe contar uma coisa?”

“Naturalmente, senhorita.”

Sofia olhara discretamente para trás antes de continuar.

“A senhora Brentwood passou o jantar inteiro me examinando.”

Mary sorrira.

“Talvez estivesse apenas tentando conhecê-la melhor.”

“Não parecia. Senti como se fosse um cavalo sendo avaliado antes de um leilão.”

“Sofia!”

A jovem rira, mas Mary guardara a observação. Sofia ainda desconhecia boa parte das negociações silenciosas que acompanhavam famílias como a sua, porém percebia com facilidade quando alguém demonstrava um interesse incomum.

Os Brentwood pareciam interessados.

A riqueza dos Shepherd era razão suficiente para despertar esse tipo de atenção. Considerada a quarta família mais rica da Inglaterra, possuíam extensas terras, imóveis em Londres, investimentos comerciais e negócios que se estendiam muito além daquela propriedade.

A própria mansão dava alguma medida dessa fortuna. Construída em pedra clara sobre a parte mais elevada do terreno, possuía três pavimentos, duas grandes alas laterais e uma longa sequência de janelas voltadas para os jardins. Um amplo terraço acompanhava a fachada principal e se abria para os gramados ornamentados, onde sebes cuidadosamente aparadas formavam desenhos entre roseiras, fontes e grandes vasos de pedra. Mais adiante começavam os campos, os estábulos e um pequeno bosque atravessado pela estrada que levava aos vilarejos próximos.

Anthony conhecia cada parte daquele lugar.

Trabalhava para os Shepherd desde os dez anos e crescera ao lado dos empregados, dos cavalos e dos próprios filhos da família. Sabia quais portas emperravam nos meses mais frios, quais animais se assustavam durante as tempestades e até onde Sofia escondia os livros que preferia não mostrar à mãe.

Durante boa parte da vida, aquela propriedade fora sua casa, embora Anthony compreendesse muito bem

a diferença entre viver entre os Shepherd e ser um deles.

Algumas semanas antes daquela noite, essa proximidade começara a causar preocupação em Mary.

O motivo era Gabriel.

Gabriel Shepherd tinha vinte anos e era o primogênito da família. Bonito, sociável e pouco interessado nas responsabilidades que o aguardavam, preferia cavalgar pelos campos a acompanhar o pai nas reuniões com administradores e demonstrava uma habilidade especial para desaparecer sempre que as conversas passavam a envolver propriedades, contratos ou seu futuro.

Ele e Anthony haviam crescido juntos. Durante a infância, a diferença entre o filho da governanta e o filho do patrão parecia importar muito menos aos dois do que aos adultos. Cavalgavam, exploravam os bosques e passavam tardes inteiras juntos. Na juventude, porém, Mary começara a prestar atenção a uma mudança de comportamento.

Nas últimas semanas, os dois costumavam se encontrar no celeiro depois que a casa já estava em silêncio.

Mary percebeu o movimento por acaso. Na terceira noite, ficou preocupada; na quarta, decidiu seguir Anthony.

Encontrou os dois sentados próximos à baia de Arthur, conversando baixo. Gabriel parecia inquieto e Anthony o escutava com a paciência habitual. Em certo momento colocou a mão sobre seu ombro, disse alguma coisa que Mary não conseguiu ouvir e fez o amigo rir. Depois permaneceram ali por bastante tempo.

Mary voltou para a casa antes que percebessem sua presença, levando consigo uma preocupação que cresceu durante os dias seguintes.

Ela conhecia os perigos que poderiam acompanhar uma relação entre dois homens naquela Inglaterra, mas havia uma razão muito mais imediata para que a proximidade entre Gabriel e Anthony lhe causasse medo.

Havia algo que somente ela sabia. Anthony e Gabriel eram irmãos.

Anthony Leopold era filho de Lennon Shepherd e, além disso, era o primeiro filho de Lennon. Vinte e um anos antes, Mary e Lennon haviam mantido uma relação secreta dentro daquela mesma propriedade. O nascimento de Anthony encerrara a relação, mas criara uma verdade que ambos precisariam carregar durante o restante da vida. Mary permaneceu na casa, Lennon formou sua família com Cecily e o menino cresceu sem saber o nome do próprio pai.

Cecily jamais descobrira. Gabriel jamais desconfiara. Anthony menos ainda.

Para ele, Lennon sempre fora apenas o senhor da propriedade, um homem a quem tratava com respeito e de quem, de tempos em tempos, recebia uma atenção que considerava consequência dos muitos anos de serviço de sua mãe.

Se Anthony tivesse nascido dentro do casamento de Lennon com Cecily, seria o primogênito dos Shepherd. Seu nome estaria ligado àquela casa desde o nascimento e sua posição dentro da família seria completamente diferente.

Mary raramente permitia que esse pensamento fosse longe demais.

Parte da fortuna dos Shepherd obedecia a regras de sucessão que a condição de filho ilegítimo de Anthony tornava difíceis de questionar. Havia, no entanto, propriedades, investimentos e uma quantidade considerável de dinheiro sobre os quais Lennon possuía liberdade para decidir.

Mary nunca perguntara se alguma coisa fora preparada para Anthony. Durante muitos anos, acreditara que a melhor proteção para o filho seria manter sua origem desconhecida.

Agora temia que o próprio silêncio pudesse criar um problema que jamais previra. Se Anthony estivesse

apaixonado por Gabriel, não haveria alternativa. Precisaria contar a verdade.

Foi por isso que começou a falar sobre Ashcombe.

A pequena cidade ficava a algumas horas da propriedade e oferecia possibilidades de estudo em administração, comércio e outras matérias que poderiam permitir a Anthony construir uma vida longe dos Shepherd. Certa manhã, enquanto tomavam café, Mary resolveu insistir.

"Você deveria conhecer Ashcombe."

"Por quê?"

"Porque não pode trabalhar nos estábulos para sempre."

Anthony levantou os olhos.

"Posso tentar."

"Anthony."

Ele sorriu.

"Estou brincando."

Mary não estava. Queria colocar alguma distância entre os dois rapazes e ganhar tempo para decidir o que fazer com uma verdade que passara mais de duas décadas tentando esconder.

Alguns dias depois, numa madrugada de domingo, Anthony bateu discretamente à porta do quarto da mãe.

Mary ainda estava acordada quando ele entrou e percebeu imediatamente que havia algo diferente em sua expressão. O filho parecia nervoso, mas havia também uma felicidade difícil de esconder.

“Mãe, precisamos conversar.”

“O que aconteceu?”

Anthony sentou-se diante dela e demorou alguns segundos antes de começar.

“Estou apaixonado.”

Mary sentiu o coração acelerar. Tudo o que observara nas últimas semanas voltou à sua mente e, com isso, a imagem de Gabriel sentado ao lado de Anthony no celeiro.

Se o filho pronunciasse aquele nome, a conversa que ela evitara durante vinte e um anos finalmente aconteceria. Precisaria explicar quem era Lennon, falar sobre a relação que haviam mantido e contar que Anthony crescera sob o mesmo teto de seu próprio pai sem jamais conhecer a verdade.

Também precisaria falar sobre Cecily, que confiava nela havia décadas e jamais imaginara que o filho de



sua governanta era também filho de seu marido. Mary respirou antes de perguntar:

“Quem?”

Anthony sorriu, ainda constrangido.

“Peter.”

Ela demorou um instante para entender.

“Peter?”

“Peter Brentwood.”

Mary permaneceu olhando para ele.

“O filho de Isabelle?”

“Esse mesmo.”

O alívio chegou tão rapidamente que ela só percebeu que estivera prendendo a respiração quando finalmente conseguiu inspirar. Não era Gabriel. Anthony observou o rosto da mãe com estranheza.

“Você está bem?”

“Estou.”

“Parece que viu um fantasma.”

“Talvez tenha visto.”

Ele não compreendeu, e Mary desejou que continuasse assim.

“Há quanto tempo?”

“Alguns meses.”

“E ele sente o mesmo?”

O sorriso que surgiu no rosto de Anthony respondeu antes das palavras.

“Sim.”

A tranquilidade de Mary durou pouco. Peter Brentwood era o único filho de Sir William e Isabelle, criado dentro de uma das famílias mais importantes daquele círculo social e destinado a um futuro que certamente não incluía viver com o filho de uma governanta.

Além disso, Mary conhecia suficientemente bem as leis e os costumes daquele tempo para compreender o risco que os dois corriam.

“Vocês precisam ter cuidado.”

“Temos.”

“Gabriel sabe?”

Anthony assentiu.

“Foi ele quem me ajudou.”

Só então Mary compreendeu que talvez tivesse interpretado de forma completamente equivocada as conversas no celeiro.

"É sobre Peter que vocês se encontram para conversar?"

Anthony riu.

"Não."

"Então sobre o quê?"

Ele hesitou.

"Não posso contar."

"Sou sua mãe."

"Eu sei, mas o segredo é de Gabriel."

Mary pensou nas saídas cada vez mais frequentes do jovem Shepherd. Havia semanas ele encontrava motivos para cavalgar sozinho e, em algumas ocasiões, regressara à propriedade muito mais tarde do que costumava.

"É uma moça?"

Anthony não respondeu, mas não conseguiu esconder o sorriso.

"Já entendi."

“Eu não disse nada.”

“Não precisava. Ela é boa?”

A expressão de Anthony ficou séria.

“Muito.”

“E Cecily sabe?”

“Se soubesse, Gabriel provavelmente passaria os próximos cinco anos proibido de sair de casa.”

Mary sorriu.

“Sua senhora Cecily não é tão terrível.”

“Pergunte ao filho dela.”

Cecily realmente não era uma mulher cruel. Apenas acreditava que o nome Shepherd trazia responsabilidades e que os filhos deveriam construir suas vidas de acordo com a posição que ocupavam. Mary não precisava conhecer a jovem para imaginar que uma moça simples de um vilarejo próximo dificilmente faria parte dos planos que Cecily possuía para Gabriel.

“Como ela se chama?”

Anthony balançou a cabeça.

“Não posso contar.”

“Você é muito irritante quando tenta ser honrado.”

“Foi a senhora que me ensinou.”

Durante alguns minutos a conversa adquiriu uma leveza que Mary não esperava sentir naquela madrugada. Descobrira que seu maior medo era infundado e, por um instante, isso pareceu suficiente.

Então Anthony acrescentou:

“Peter e eu vamos embora.”

Mary deixou de sorrir.

“Embora para onde?”

“Silverside. No próximo mês.”

“Vocês estão pensando nisso?”

“Já decidimos.”

Anthony explicou que, diante das outras pessoas, seria apresentado como administrador de Peter. Poderiam viver sob o mesmo teto sem precisar explicar mais nada e, longe das duas famílias, imaginavam encontrar a liberdade que não teriam permanecendo ali.

Mary ouviu tudo em silêncio.

“E Sir William?”

“Não precisa concordar.”

“Peter é filho dele.”

“Peter é adulto.”

Havia alguma ingenuidade naquela segurança. Aos vinte e um anos, Anthony acreditava que a idade seria suficiente para libertá-los das expectativas de suas famílias, e Mary conhecia Sir William bem demais para compartilhar daquela confiança.

“Quero que tome cuidado com os Brentwood.”

Anthony pareceu surpreso.

“Peter é um Brentwood.”

“Não estou falando de Peter.”

Mary se lembrava de algumas conversas recentes entre Sir William, Lennon e Cecily. Não ouvira o suficiente para conhecer seus planos, mas percebera que os nomes de Peter e Sofia apareciam juntos com frequência crescente.

Peter estava em idade de casar. Sofia tinha dezessete anos.

Entre famílias como aquelas, certas ideias costumavam nascer muito antes de os jovens envolvidos serem convidados a opinar sobre elas.

“Há alguma coisa que eu deveria saber?”, perguntou Anthony.

Mary pensou antes de responder.

“Ainda não.”

Poucos dias depois daquela conversa, os Brentwood chegaram à propriedade para a visita que terminaria com Arthur atravessando sozinho a porta da cozinha.

Agora, no grande salão, Mary observava Anthony acalmar o cavalo enquanto os empregados começavam a organizar uma busca por Gabriel.

Cecily perdera a tranquilidade que costumava manter diante dos outros.

“Quando foi a última vez que alguém viu meu filho?”

As respostas eram vagas. Um empregado acreditava tê-lo visto depois do jantar. Sofia lembrava-se de uma passagem rápida pelo corredor. Outro criado tinha certeza de que Gabriel estivera perto da escadaria, embora não soubesse dizer a que horas.

Anthony permanecia em silêncio. Mary conhecia aquela expressão. Ele sabia alguma coisa. Talvez não soubesse onde Gabriel estava naquele momento, mas certamente tinha uma ideia de onde o amigo pretendia chegar quando deixara a propriedade.

Arthur, entretanto, voltara sozinho. Enquanto os primeiros homens saíam com lanternas pelos jardins, Sir William Brentwood retornou aos aposentos reservados aos hóspedes. Isabelle estava diante do espelho retirando os brincos quando o marido entrou.

"Alguma notícia?"

"Ainda não."

"Cecily está desesperada."

"Gabriel aparecerá."

Isabelle olhou para ele através do espelho.

"Como pode ter certeza?"

"Não posso. Apenas não vejo razão para imaginar uma tragédia antes que ela aconteça."

Sir William serviu uma pequena dose de conhaque e caminhou até a janela.

Depois de algum tempo, Isabelle retomou um assunto que vinha ocupando sua atenção durante toda a visita.

"Sofia é bonita."

"Também achei."

"E jovem."

"Tem dezessete anos."

Isabelle terminou de retirar os brincos.

“Cecily não aceitará ser pressionada.”

Sir William voltou-se para ela.

“Então não vamos pressioná-la. Basta que ela perceba por conta própria as vantagens.”

“E Peter?”

“Peter fará o que precisa fazer.”

“Você parece muito seguro do nosso filho.”

Sir William sorriu.

“Não estou seguro de Peter. Apenas conheço maneiras de apresentar uma escolha até que ela pareça inevitável.”

Isabelle ficou em silêncio. Depois perguntou:

“Lennon realmente possui tanto quanto dizem?”

“Mais.”

Durante a tarde, Sir William passara quase uma hora na biblioteca conversando com o anfitrião sobre propriedades, investimentos e negócios. Lennon falara com a naturalidade de quem estava tão acostumado à própria riqueza que já não percebia a dimensão dela.

“E você acredita que um casamento entre Peter e Sofia resolveria nossos problemas?”

Sir William tomou um gole antes de responder.

“O casamento seria apenas o começo.”

Isabelle conhecia o marido o suficiente para perceber que havia mais naquela resposta.

“O que exatamente você pretende fazer?”

“Garantir que os Brentwood continuem sendo a família que sempre foram.”

Lá fora, pequenas luzes começavam a atravessar os jardins enquanto os empregados seguiam em direção aos campos e à estrada à procura de Gabriel.

Dentro da casa, cada pessoa tinha razões diferentes para desejar que ele fosse encontrado rapidamente.

Cecily temia pelo filho. Anthony provavelmente conhecia a razão de sua escapada e começava a imaginar o que poderia ter acontecido no caminho. Sofia observava a movimentação sem saber que, poucas horas antes, já fora considerada parte de uma negociação sobre a qual ninguém se lembrara de consultá-la.

Mary carregava preocupações ainda mais antigas e continuava acreditando que a mais perigosa delas permanecia enterrada havia vinte e um anos.

Do lado de fora, Thomas corria inquieto entre os empregados, enquanto Arthur permanecia nos estábulos sob os cuidados de Anthony.

Gabriel Shepherd havia saído naquela noite sem avisar a família. Seu cavalo voltara.

Ele não.

II - A CASA SOB SUSPEITA

Gabriel abriu os olhos sem saber quanto tempo havia passado. Estava deitado sobre um colchão fino colocado diretamente no chão de pedra, num cômodo pequeno, úmido e quase escuro, iluminado apenas por uma janela estreita próxima ao teto. Quando tentou se levantar depressa, uma dor forte na nuca obrigou-o a apoiar-se novamente na parede. Aos poucos, algumas lembranças começaram a voltar: Arthur avançando pela estrada para Bellford, o vento frio entre as árvores e um movimento inesperado adiante. Depois, tudo se tornava confuso. O cavalo se assustara, algumas vozes surgiram perto demais e alguma coisa o atingira por trás.

A porta diante dele estava trancada. Alguém havia deixado uma jarra com água e um pedaço de pão junto à parede, o que tornava evidente que sua presença ali não era resultado de um acidente. Gabriel chamou algumas vezes, primeiro esperando uma resposta e depois simplesmente para descobrir se havia alguém do outro lado. Não ouviu qualquer voz, embora tivesse certeza de perceber passos no corredor. Pouco depois, uma pequena abertura na parte inferior da porta se moveu e um prato foi empurrado para dentro. Gabriel correu até lá e perguntou quem estava do outro lado, mas a abertura fechou antes que pudesse enxergar alguma coisa. Os passos se afastaram e, pela pri-

meira vez, ele compreendeu que alguém pretendia mantê-lo ali.

Na propriedade dos Shepherd, ninguém havia dormido. Durante toda a madrugada, empregados percorreram campos, bosques e estradas carregando lanternas. Lennon enviou homens para Bellford e para outros vilarejos da região, enquanto Cecily insistia para que as margens do rio também fossem examinadas. Arthur fora examinado ainda durante a noite e não apresentava qualquer ferimento que sugerisse uma queda grave. Não havia sangue na sela, o cavalo estava apenas cansado e assustado, e essa constatação trouxe a Anthony um alívio que rapidamente se transformou em preocupação. Se Gabriel tivesse caído durante o percurso, provavelmente já o teriam encontrado. O retorno de Arthur sem o cavaleiro tornava cada vez mais difícil imaginar uma explicação simples.

Anthony acompanhou as buscas até o amanhecer. Conhecia bem os caminhos utilizados por Gabriel e levou dois empregados até uma estrada secundária em direção a Bellford, onde encontraram marcas de cascos ainda visíveis na terra úmida. Depois de certa distância, porém, os rastros se confundiam com aqueles deixados por carroças e outros animais. Quando voltou à mansão, encontrou Lennon esperando por ele no grande salão, ainda usando as roupas da noite anterior e demonstrando o cansaço de quem passara

horas tentando comandar uma situação sobre a qual tinha pouco controle.

Lennon quis saber por que Anthony parecia ter uma ideia tão clara do destino do filho. Anthony contou que Gabriel vinha frequentando Bellford havia algumas semanas e admitiu que existia uma jovem envolvida, mas evitou revelar seu nome. A reserva irritou Lennon, que já não via sentido em proteger qualquer segredo enquanto o filho permanecesse desaparecido.

"Meu filho está desaparecido, Anthony. Não existe mais assunto particular."

Anthony compreendia a preocupação, mas prometera a Gabriel que protegeria a identidade da jovem. Enquanto não soubesse se revelar seu nome realmente ajudaria a encontrá-lo, preferia não transformar a relação do amigo em assunto de toda a família. Acabou contando que Gabriel costumava encontrá-la em segredo e que sabia de algumas dessas saídas, embora não soubesse a hora exata em que ele deixaria a propriedade naquela noite.

A resposta deveria ter encerrado a conversa, mas produziu em Lennon uma inquietação diferente. Anthony conhecia os hábitos de Gabriel, sabia de seus encontros e guardava segredos que o próprio pai desconhecia. Durante anos, Lennon considerara aquela proximidade uma consequência natural da infância compartilhada pelos dois rapazes. Naquela manhã, contu-

do, uma pergunta que evitara durante vinte e um anos voltou à sua mente: e se Mary tivesse contado a verdade? Talvez Anthony soubesse que era seu filho e que nascera antes de Gabriel. Lennon considerou injusto desconfiar do rapaz por causa de um segredo que ele próprio criara, mas a ideia, uma vez formada, mostrou-se difícil de afastar. Antes de dispensá-lo, informou apenas que um investigador chegaria de Londres naquela tarde e que Anthony deveria permanecer disponível para responder às suas perguntas.

Peter Brentwood apareceu pouco antes do meio-dia. Disse aos pais que viera assim que soubera do desaparecimento e que pretendia ajudar os Shepherd no que fosse necessário. Isabelle recebeu o filho com satisfação, enquanto Sir William pareceu mais interessado em saber quanto tempo ele pretendia permanecer na propriedade. Anthony o viu chegar através de uma das janelas do corredor e sentiu algo que não experimentava havia quase três semanas, desde a última vez que estiveram juntos.

Depois de cumprimentar Lennon e Cecily e perguntar pelas buscas, Peter encontrou uma oportunidade para procurar Anthony. Os dois se cruzaram no corredor próximo à biblioteca e Peter não precisou fazer muitas perguntas para perceber o estado dele. As roupas ainda traziam sinais da madrugada nos campos e o cansaço estava evidente em seu rosto.

“Vim assim que soube.”

Anthony compreendeu que a frase dizia mais do que parecia e pediu que conversassem depois, longe dos corredores movimentados da casa. Antes de se afastar, Peter aproximou-se apenas o suficiente para dizer que sentira sua falta. Anthony teria desejado responder de outra maneira, mas naquele momento qualquer gesto mal interpretado poderia trazer mais problemas do que conforto.

Elias Harcourt chegou no início da tarde. Tinha aproximadamente cinquenta anos, cabelos escuros já bastante grisalhos e uma aparência pouco afetada pelo tamanho da propriedade ou pela importância do sobrenome Shepherd. Suas roupas eram discretas, o sobretudo mostrava sinais de uso e sua maneira de falar era tranquila, quase econômica. Lennon começou a explicar o desaparecimento, mas Harcourt preferiu iniciar a investigação por Arthur e pediu para ver o cavalo antes de ouvir versões detalhadas dos acontecimentos.

Antes que seguissem para os estábulos, Cecily apareceu no salão. Ao reconhecer o visitante, interrompeu o passo por um instante. Foi um movimento pequeno, mas Anthony percebeu, assim como Harcourt. Os dois se cumprimentaram com uma formalidade cuidadosa demais para pessoas que aparentemente mal

se conheciam. Pouco depois, Isabelle Brentwood entrou acompanhada de Peter e sua reação foi ainda mais difícil de esconder. Sir William perguntou se já haviam se encontrado e Isabelle respondeu apenas que conhecera Harcourt em Londres muitos anos antes.

"Quando éramos todos mais jovens", acrescentou o investigador.

A escolha das palavras pareceu incomodar Isabelle e, por alguma razão, também Cecily. Peter percebeu a reação da mãe, Anthony percebeu ambas e ninguém fez outra pergunta. Harcourt ainda não começara a solucionar o desaparecimento de Gabriel e já trouxera consigo uma história que ninguém naquela casa parecia disposto a explicar.

Nos estábulos, examinou Arthur durante vários minutos, observando a sela, as rédeas e as patas do animal antes de dirigir suas perguntas a Anthony. Quis saber se Gabriel cavalgava bem, se Arthur já retornara sozinho alguma vez e quem, além do dono, conseguia controlá-lo quando estava assustado. Quando perguntou se Anthony conhecia o destino de Gabriel naquela noite, ouviu sobre Bellford, mas encontrou novamente resistência diante do nome da jovem.

"Segredos parecem pequenos até começarem a interferir numa investigação."

Harcourt não insistiu. Passou o restante da tarde conversando separadamente com quase todas as pessoas que estavam na propriedade na noite do desaparecimento.

Mary foi uma delas. Ao sair da biblioteca, encontrou Cecily esperando no corredor, e percebeu imediatamente que havia algo diferente na maneira como a patroa a observava. As duas mulheres se conheciam havia décadas. Mary estivera presente em praticamente todos os momentos importantes daquela família, acompanhara o nascimento de Gabriel e Sofia e conquistara uma posição de confiança muito além das obrigações de uma governanta. Cecily, porém, queria saber se Harcourt fizera perguntas específicas sobre Anthony.

Havia anos certas coisas a incomodavam. Anthony possuía alguns gestos que lembravam Lennon e recebera oportunidades incomuns para o filho de uma empregada, incluindo acesso aos livros da biblioteca e uma educação melhor do que aquela destinada aos demais jovens que trabalhavam na propriedade. Durante muito tempo, Cecily escolhera interpretar aquilo como generosidade do marido. Com Gabriel desaparecido, antigas dúvidas começavam a adquirir um peso diferente.

"Por que Lennon sempre se preocupou tanto com o futuro de Anthony?"

Mary demorou um instante antes de responder.

“Anthony nunca pediu nada.”

“Eu não disse que pediu.”

A conversa terminou ali. Mary seguiu pelo corredor sabendo que uma situação que temera durante vinte e um anos começava a se aproximar. Cecily ainda não conhecia a verdade, mas já não estava tão distante dela.

No início da noite, Harcourt voltou a chamar Anthony à biblioteca. Sobre a mesa estava o relógio de Gabriel, encontrado numa estrada em direção a Bellford, próximo a uma área onde também havia marcas de uma pequena carruagem e pegadas de outras pessoas. O investigador explicou que ainda não podia afirmar exatamente o que acontecera, mas considerava cada vez menos provável que Gabriel tivesse simplesmente decidido desaparecer.

Pela primeira vez, mencionou a possibilidade de um sequestro. Anthony sentiu que aquela palavra mudava o peso de tudo. Até então ainda podia imaginar o amigo ferido em algum ponto da região ou incapaz de retornar. Um sequestro significava planejamento e alguém disposto a enfrentar uma das famílias mais poderosas da Inglaterra.

Harcourt voltou a pedir o nome da jovem de Bellford. Anthony explicou que ela não pertencia ao mundo dos Shepherd e que expor sua identidade poderia colocá-la em perigo ou transformá-la em culpada antes mesmo que fosse ouvida. O investigador compreendeu a preocupação, mas deixou claro que a última pessoa que Gabriel pretendia encontrar poderia ser também a última capaz de esclarecer o que acontecera naquela noite.

"Gabriel talvez não tenha muito tempo para a sua lealdade."

Anthony sabia que ele tinha razão. Pediu até a manhã seguinte e Harcourt concordou.

Depois do jantar, Peter encontrou Anthony atrás da pequena estufa, numa região dos jardins protegida das janelas da mansão por duas fileiras de sebes. Assim que ficaram sozinhos, aproximou-se e o abraçou. Anthony permaneceu alguns segundos com o rosto apoiado em seu ombro e, pela primeira vez desde o desaparecimento de Gabriel, permitiu-se abandonar a sensação de que precisava estar resolvendo alguma coisa.

Contou que Harcourt acreditava num possível sequestro e que Lennon vinha fazendo perguntas estranhas. A quantidade de informações que Anthony pos-

suía sobre Gabriel começava a trabalhar contra ele. Peter achou a suspeita absurda e insistiu para que contasse ao investigador tudo o que sabia. Anthony reconhecia que talvez precisasse revelar a identidade da jovem, embora ainda lhe parecesse uma traição.

Peter segurou suas mãos.

"Não transforme sua lealdade numa forma de se destruir."

Anthony ainda pensava na resposta quando ouviram um ruído atrás da sebe. Os dois se afastaram rapidamente e Sofia surgiu pelo caminho lateral, parando ao encontrá-los. Peter já havia soltado as mãos de Anthony, embora talvez não com rapidez suficiente. Sofia explicou que procurava Thomas e recusou a ajuda dos dois antes de retornar à casa. Seu tom continuava educado, mas Anthony percebeu algo diferente em sua expressão e acreditou que ela tivesse compreendido mais do que deveria.

Não imaginava que o desconforto de Sofia tivesse outra origem. Havia meses a jovem alimentava em silêncio uma afeição por Anthony que jamais admitira. Sabia o que a mãe pensaria e conhecia perfeitamente a diferença entre suas posições, por isso mantivera aquele sentimento apenas para si. Naquela noite, seguira Peter até o jardim por curiosidade e encontrar os dois tão próximos despertara nela uma sensação que não estava preparada para reconhecer.

Na manhã seguinte, Anthony encontrou Sofia sozinha na sala de música. Ela parecia determinada a não mencionar o encontro da noite anterior e perguntou apenas quanto tempo Peter pretendia permanecer na propriedade. Anthony percebeu o interesse, mas interpretou-o da maneira mais óbvia: talvez existisse algum motivo para os Brentwood imaginarem uma aproximação entre os dois.

Enquanto conversavam, uma lembrança voltou à sua mente. Meses antes, Sofia lhe perguntara o que aconteceria com a propriedade caso Gabriel decidisse não assumir as responsabilidades do pai. Anthony respondera que dificilmente teria essa escolha, mas a jovem insistira em saber o que aconteceria se ele não pudesse assumir. Na época, a pergunta parecera apenas uma provocação. Agora parecia diferente.

Anthony tentou afastar o pensamento, mas acabou perguntando se Sofia sabia que Gabriel sairia naquela noite. Ela se ofendeu imediatamente e quis entender por que ele fazia aquele tipo de pergunta. Anthony não encontrou uma explicação convincente. Era difícil imaginar que Sofia pudesse ter qualquer envolvimento no desaparecimento do irmão, mas começava a perceber que a ausência de Gabriel modificava a posição de quase todos naquela família.

"Todo mundo está começando a fazer perguntas estranhas nesta casa. Pelo menos o senhor Harcourt admite que está investigando."

Sofia saiu da sala e deixou Anthony sozinho junto ao piano, incomodado por perceber que começava a desconfiar de pessoas que conhecia desde criança.

Pouco antes do almoço, Harcourt pediu que todos fossem reunidos na biblioteca. Cecily sentou-se ao lado de Sofia, Mary permaneceu próxima à janela e Sir William e Isabelle ocuparam o sofá diante da mesa, enquanto Peter ficou ligeiramente afastado dos pais. Anthony preferiu continuar de pé.

O investigador explicou que havia retornado à estrada onde encontrara o relógio e identificado sinais de luta, marcas de uma pequena carruagem e pegadas suficientes para acreditar que Gabriel estivera acompanhado por pelo menos duas pessoas. Naquele momento, considerava muito improvável uma fuga voluntária.

Cecily perguntou aquilo que todos já começavam a temer.

“Meu filho foi sequestrado?”

Harcourt respondeu que era a hipótese mais provável. Lennon começou imediatamente a falar sobre recompensas, homens nas estradas e buscas em outras propriedades, mas o investigador explicou que algumas dessas providências já haviam sido tomadas. Depois

abriu a pequena bolsa de couro que trazia consigo e retirou um objeto embrulhado num pedaço de tecido.

Anthony reconheceu imediatamente.

Era seu canivete, aquele que usava havia anos nos estábulos para cortar cordas e fazer pequenos reparos. Harcourt o encontrara próximo ao local onde acreditava que Gabriel havia sido levado.

"É seu?"

"Sim."

Anthony aproximou-se da mesa e examinou o objeto, tentando lembrar quando o vira pela última vez.

"Mas eu não estive naquela estrada."

Harcourt não o acusou. Queria apenas entender como o canivete chegara até ali e quem mais sabia que Gabriel pretendia deixar a propriedade naquela noite. Anthony não tinha resposta para a primeira pergunta e, para a segunda, possuía possibilidades demais. Ele sabia. A jovem de Bellford provavelmente sabia. Talvez alguém tivesse ouvido alguma conversa.

Sua hesitação agravou o desconforto na sala. Lennon perguntou por que continuava protegendo segredos enquanto Gabriel podia estar ferido ou preso em algum lugar, e Anthony repetiu que jamais faria mal ao

amigo. Mary interferiu antes que a discussão avançasse.

“Anthony ama Gabriel como um irmão.”

A frase saiu com naturalidade e durante alguns segundos pareceu significar apenas aquilo que todos naquela casa acreditavam saber. Depois Mary percebeu a escolha das palavras. Cecily voltou-se para ela, Lennon permaneceu imóvel e Anthony, que desconhecia a verdade, não encontrou qualquer significado especial naquela declaração.

Elias Harcourt, entretanto, observou primeiro Mary, depois Lennon e finalmente Cecily.

Não fez pergunta alguma.

Muito longe dali, Gabriel ouviu novamente passos no corredor. Dessa vez aproximou-se da porta e permaneceu esperando até que uma voz masculina surgisse do outro lado, abafada o suficiente para impedir qualquer reconhecimento.

Gabriel perguntou o que pretendiam conseguir com seu sequestro e ofereceu dinheiro, imaginando que aquela ainda fosse a explicação mais provável. A resposta o surpreendeu.



“Você realmente acredita que dinheiro é o único motivo para alguém querer atingir os Shepherd?”

Gabriel tentou entender o que aquilo significava e quis saber por que estava ali. A pessoa demorou alguns segundos antes de responder que sua ausência era mais útil do que sua presença. Quando Gabriel insistiu, o homem evitou qualquer explicação, mas antes de ir embora acrescentou algo que parecia ter sido cuidadosamente preparado.

“Deveria se preocupar menos comigo e mais com Anthony Leopold.”

Gabriel aproximou-se ainda mais da porta.

“Anthony?”

“A esta altura, todos devem acreditar que foi ele.”

Gabriel reagiu imediatamente.

“Anthony nunca faria isso.”

Do outro lado houve uma pequena pausa.

“Talvez você o conheça melhor do que a própria família.”

Os passos começaram a se afastar. Gabriel chamou novamente, exigiu que o homem voltasse e perguntou quem estava por trás de tudo aquilo, mas não recebeu resposta. Permaneceu junto à porta tentando compre-

ender por que alguém desejaria mantê-lo preso e, ao mesmo tempo, fazer de Anthony o principal suspeito de seu desaparecimento.

Na mansão dos Shepherd, sem que Gabriel pudesse saber, essa parte do plano já começava a funcionar.

III - QUEM GANHA COM A AUSÊNCIA?

Quatro dias haviam se passado desde que Arthur atravessara sozinho as portas da mansão, e a ausência de Gabriel começava a transformar a propriedade dos Shepherd de uma maneira que ninguém conseguia ignorar. O outono ainda não terminara, embora o frio daqueles últimos dias anunciasse um inverno que parecia ter chegado antes da hora. O céu permanecia baixo durante quase todo o dia, uma chuva fina escurecia os caminhos dos jardins e as lareiras eram acesas cada vez mais cedo. Dentro da casa, as conversas haviam diminuído, as refeições tornaram-se silenciosas e qualquer movimento inesperado no corredor fazia alguém levantar os olhos na esperança de receber uma notícia.

A pergunta começava a circular sem que ninguém tivesse coragem de formulá-la diante de todos: a quem interessava ter Gabriel afastado? Lennon começava a olhar para Anthony com uma desconfiança que ele próprio considerava vergonhosa. Cecily observava Mary com a sensação de que algumas respostas estiveram diante dela durante anos. Anthony, contra a própria vontade, recordava certas perguntas feitas por Sofia meses antes. Sir William parecia acompanhar tudo com uma tranquilidade que começava a incomodar Peter, enquanto Elias Harcourt se limitava a ouvir, observar e anotar, como se soubesse que na-

quela casa cada pessoa possuía alguma coisa que preferia não explicar.

Pouco depois do chá da tarde, Cecily encontrou Mary organizando correspondências na sala próxima à copa e pediu que a acompanhasse até o jardim de inverno. O espaço ficava anexo à sala de jantar e era utilizado principalmente durante os meses frios. Grandes painéis de vidro cercavam pequenas árvores cítricas, vasos com flores e plantas trazidas de regiões onde o clima inglês dificilmente permitiria que sobrevivessem ao ar livre. A chuva percorria lentamente os vidros e abafava os poucos sons vindos da casa.

Cecily esperou que Mary entrasse, fechou a porta e observou o corredor antes de falar. A governanta percebeu imediatamente que a conversa não seria sobre Gabriel. Sua patroa nunca tivera grande gosto por rodeios e, naquela tarde, parecia ter perdido até mesmo a disposição para preservar certas delicadezas.

"Mary, seja honesta comigo. Anthony é filho de Lennon?"

Durante alguns segundos, Mary deixou de ouvir a chuva. Viu Cecily diante dela, mas sua mente já não estava naquele jardim de inverno. Vinte e um anos haviam desaparecido com uma única pergunta e, de repente, voltou a enxergar a casa como era quando ainda tinha trinta e seis anos.

Naquela época, Cecily passara alguns dias em Mereford, pequeno vilarejo a pouco mais de uma hora a cavalo, onde seus pais mantinham uma propriedade menor. Mary já vivia com os Shepherd havia três décadas e conhecia suficientemente bem a casa para compreender o que podia e o que não podia permitir-se. Lennon começara com gentilezas que ela tentara ignorar. Depois vieram encontros aparentemente casuais, conversas prolongadas quando não havia outras pessoas por perto e uma insistência que, pouco a pouco, tornou-se impossível de confundir com simples simpatia.

Mary ainda se lembrava das promessas com uma precisão que preferiria não possuir. Lennon dizia que a amava, falava sobre abandonar tudo e imaginava uma vida em algum lugar onde ninguém os conhecesse. Em outros momentos, quando ela tentava afastá-lo, o mesmo homem que oferecia amor lembrava que sua posição naquela casa dependia da vontade dos Shepherd e que poderia perdê-la com a mesma facilidade com que a conquistara. Com o passar dos anos, Mary nunca conseguiu decidir inteiramente como deveria nomear o que existira entre eles. Algumas lembranças ainda guardavam afeto; outras permaneciam marcadas pelo medo e pela sensação de que determinadas escolhas nunca haviam sido completamente suas.

Quando Cecily voltou de Mereford, a vida da casa retomou sua aparência habitual. Pouco tempo depois, Mary descobriu que estava grávida. Anthony nasceu no ano seguinte e, a partir daquele momento, a verdade passou a fazer parte da rotina silenciosa de duas pessoas que aprenderam a viver como se nada tivesse acontecido.

Mary voltou a olhar para a mulher que estava diante dela. Durante os vinte e um anos seguintes, acompanhara Cecily em momentos que ninguém mais conhecia. Estivera ao seu lado durante a gravidez de Gabriel, ajudara a cuidar dos dois filhos, ouvira seus medos, suas reclamações e confidências que jamais seriam repetidas. Havia entre elas uma confiança construída ao longo de décadas, e talvez fosse justamente isso que tornasse aquela pergunta tão difícil de responder.

Cecily continuava esperando.

Mary compreendeu que já não existia uma mentira capaz de preservar o que haviam construído.

“Sim, madame. Anthony é filho do senhor Lennon. E sinto muito por ter escondido isso durante todo esse tempo.”

Cecily não se moveu. Durante anos imaginara aquela possibilidade e, ainda assim, ouvir a confirmação produziu uma dor para a qual não estava preparada.



Mary reconheceu raiva em seu rosto, mas havia também humilhação e uma tristeza que tornava impossível saber qual das duas mulheres era mais incapaz de continuar a conversa.

Mary quis explicar. Queria contar que as coisas não haviam acontecido da forma simples que Cecily provavelmente imaginava, falar sobre as promessas, a dependência e as ameaças, e dizer que Anthony jamais soubera quem era seu pai. Durante vinte e um anos, tudo o que fizera fora impedir que o erro de seus pais se transformasse no destino do filho.

Cecily estava prestes a responder quando a porta do jardim de inverno se abriu.

Sofia entrou, parando assim que percebeu a tensão entre as duas mulheres. Pediu desculpas por interromper e, sem imaginar a dimensão do que acabara de acontecer, perguntou se não achavam estranho que Anthony e Peter estivessem fora havia tantas horas.

Mary aproveitou a interrupção para recuperar a compostura. “Tenho certeza de que Anthony está fazendo tudo o que pode para encontrar alguma pista sobre seu irmão.”

Sofia parecia pouco convencida. “E Peter?”

Mary hesitou o suficiente para escolher melhor as palavras. “Peter é um jovem bastante astuto. Imagino que esteja sendo útil.”

A resposta satisfez Sofia apenas parcialmente, mas ela não insistiu. Mary pediu licença e deixou o jardim de inverno antes que Cecily pudesse retomar a conversa. Enquanto atravessava o corredor, teve pela primeira vez a sensação de que talvez não pertencesse mais àquela casa. A propriedade dos Shepherd fora o único lar que realmente conhecera durante cinquenta e um anos e, de repente, precisava considerar a possibilidade de partir.

A ideia trouxe consigo outro pensamento. Se Cecily decidisse expulsá-la, Mary não deixaria aquela casa apenas com seus próprios segredos. Havia coisas que sabia sobre Lennon e outras, talvez ainda mais perigosas, que conhecia sobre Isabelle Brentwood.

Anthony e Peter haviam deixado a propriedade pouco depois do almoço. Seguiram primeiro pela estrada de Bellford e depois por alguns caminhos secundários que Gabriel costumava utilizar quando queria evitar as áreas mais movimentadas. A chuva dos últimos dias mantinha o solo úmido, embora o movimento constante das buscas já tivesse destruído boa parte dos rastros que poderiam ajudá-los.

Durante a primeira hora falaram pouco. Anthony seguia à frente, procurando qualquer marca que pudesse indicar a passagem de Gabriel, enquanto Peter começava a sentir o cansaço de tantas horas sobre o ca-

valo. Quando chegaram a uma pequena clareira protegida por carvalhos, pediu que parassem.

“Preciso esticar as pernas.”

Anthony desmontou e conduziu o cavalo até uma área mais protegida da estrada. Peter fez o mesmo e começou a caminhar para recuperar a circulação, mas Anthony tinha outra necessidade.

“E eu quero muito o seu abraço.”

Peter aproximou-se sem hesitar. Permaneceram juntos durante alguns segundos, longe da mansão e dos olhos de qualquer pessoa que pudesse transformar aquele gesto em algo que precisasse ser explicado. Para Anthony, havia um conforto quase doloroso naquela simplicidade. Uma parte de sua vida era inteiramente ocupada por coisas que precisavam ser escondidas.

Quando se afastaram, Peter voltou ao assunto que vinha tentando discutir desde que chegara à propriedade. O canivete de Anthony fora encontrado no provável local do sequestro, Lennon começava a observá-lo como suspeito e Harcourt já sabia que ele escondia informações importantes.

“Promete que vai contar tudo o que sabe?”

Anthony desviou os olhos para os cavalos. “Se eu contar tudo o que sei, aquela família pode implodir.”

Peter ficou em silêncio. Aquela resposta despertava perguntas que carregava havia muito tempo e que, diante de tudo que acontecia, pareciam cada vez mais difíceis de ignorar.

"Então eu quero saber."

Anthony voltou-se para ele. "Não é tão simples."

Peter explicou que também começava a desconfiar da própria família. Desde criança, os Brentwood passavam períodos longos ao lado dos Shepherd e havia entre as duas casas uma proximidade que nunca compreendera completamente. Isabelle e Cecily pareciam compartilhar uma história que ia além da amizade entre famílias, e algumas conversas terminavam abruptamente quando ele entrava numa sala. A chegada de Harcourt apenas aumentara suas dúvidas.

"Principalmente minha mãe e Cecily. Elas têm muitos segredos em comum."

Anthony conhecia fragmentos daquela história, quase todos vindos de comentários de Mary que nunca se encaixaram completamente. Sabia de uma época em Londres sobre a qual as duas mulheres evitavam falar, de encontros entre as famílias e de nomes que surgiam ocasionalmente antes que alguém mudasse de assunto.

"Aos poucos eu vou contando o que sei. Por enquanto, precisamos continuar procurando Gabriel."

Peter aceitou, embora não parecesse satisfeito. Quando já se preparavam para voltar aos cavalos, lançou uma pergunta que tentou apresentar com naturalidade.

"Você tem certeza de que vocês são mesmo como irmãos?"

Anthony levou alguns segundos para compreender e, quando percebeu o motivo, começou a rir. Peter continuou sério. Harcourt dissera que Anthony conhecia praticamente todos os segredos de Gabriel, os dois passavam noites no celeiro e, além disso, havia uma jovem de Bellford cujo nome Anthony se recusava a revelar.

"Peter, apesar de lindo, Gabriel é como se fosse um irmão para mim. E ele prefere mulheres. Pare com essa besteira."

Peter finalmente sorriu e a tensão entre os dois diminuiu por alguns instantes.

Quando Anthony caminhava de volta para o cavalo, percebeu algo preso entre os galhos baixos de um arbusto próximo à estrada. Abaixou-se e retirou cuidadosamente um pequeno pedaço de tecido azul-escuro. O material era pesado e de boa qualidade, muito diferente das roupas normalmente usadas pelos trabalhadores da região. Uma das extremidades estava desfiada, como se tivesse sido rasgada com força.



Peter perguntou se poderia pertencer a Gabriel, mas Anthony tinha certeza de que não. Conhecia suficientemente bem as roupas do amigo para reconhecer aquele tecido. O que o preocupava era o local: estavam quase duas milhas distantes de onde Harcourt encontrara o relógio e o canivete.

Anthony guardou o fragmento no bolso. Dessa vez, não pretendia esconder nada do investigador.

Na mansão, Lennon permanecia no pequeno escritório anexo à biblioteca com Elias Harcourt. Sobre a mesa estavam o relógio de Gabriel, o canivete de Anthony e as anotações reunidas durante os últimos dias. Lennon já chegara a uma conclusão que o investigador ainda se recusava a aceitar: Anthony precisava ser tratado formalmente como suspeito.

Harcourt reconhecia que havia elementos suficientes para justificar uma investigação mais rigorosa. Anthony conhecia os movimentos de Gabriel, omitira informações importantes e um objeto de sua propriedade fora encontrado próximo ao local onde provavelmente ocorrera o sequestro. Ainda assim, alguma coisa na disposição das evidências o incomodava. Eram elementos claros demais, quase como se alguém desejasse que fossem encontrados.

Para Lennon, aquilo apenas tornava o caso mais evidente. Harcourt começava a considerar a possibilidade oposta.

Os dois concordaram que a investigação já não poderia permanecer restrita à propriedade. O desaparecimento precisaria ser formalmente comunicado ao magistrado responsável pela região, Edmund Olson, conhecido de Lennon havia muitos anos e com autoridade para ampliar as buscas e convocar pessoas para interrogatório.

Lennon queria impedir Anthony de deixar a propriedade até a chegada de Olson. Harcourt preferiu não fazê-lo.

“Se ele for culpado, quero saber para onde pretende ir.”

“E se fugir?”

“Então finalmente teremos uma informação útil.”

Lennon não gostou da resposta, mas aceitou. Quando deixou o escritório, Harcourt permaneceu alguns minutos diante do canivete, observando o objeto como se esperasse que ele oferecesse uma explicação diferente daquela que todos pareciam dispostos a aceitar.

Mary passou o restante da tarde evitando o jardim de inverno. Cecily também não a procurou novamente, e a ausência de um confronto tornou-se mais desconfortável do que qualquer discussão. Mary continuou supervisionando a casa, organizou o jantar e respondeu aos empregados como fizera durante décadas, embora soubesse que alguma coisa havia mudado definitivamente entre ela e sua patroa.

Quando finalmente entrou em seus aposentos, fechou a porta e abriu uma pequena gaveta que raramente utilizava. No fundo, escondido sob alguns tecidos, havia um conjunto de cartas antigas amarradas por uma fita que perdera a cor com o tempo.

As cartas não eram de Lennon. Mary passou os dedos pelo primeiro envelope e reconheceu imediatamente a caligrafia. Isabelle Brentwood.

Durante alguns segundos, pensou em retirar o maço da gaveta. Depois tornou a fechá-la. Ainda não era a hora.

Anthony e Peter regressaram pouco depois do anoitecer. Harcourt examinou o pedaço de tecido encontrado na estrada, perguntou exatamente onde estava e marcou o local no mapa. Anthony esperava alguma reação, mas o investigador permaneceu difícil de interpretar.

“Isso significa alguma coisa?”

Harcourt aproximou o tecido da luz da lamparina e examinou a pequena costura dourada próxima à extremidade.

“Tudo significa alguma coisa. O problema é descobrir o quê.”

Anthony deixou o escritório sem saber que aquela costura chamara a atenção do investigador. Harcourt permaneceu sozinho por alguns minutos tentando recordar onde vira aquele acabamento antes. Tinha certeza de que já o conhecia.

Naquela mesma noite, Gabriel acordou com o som de uma chave girando na fechadura.

Até então, quem quer que cuidasse dele evitara abrir a porta enquanto estivesse acordado. Dessa vez, porém, ouviu claramente a madeira se mover e levantou-se antes que a pessoa entrasse.

O cômodo estava quase completamente escuro. Uma pequena chama surgiu primeiro, seguida pela silhueta de alguém que carregava uma vela. A luz era insuficiente para revelar o rosto, e Gabriel recuou até a parede, preparado para enfrentar qualquer pessoa que se aproximasse.

Então ouviu uma voz feminina.

“Gabriel, você está bem?”

Ele permaneceu imóvel. Conhecia aquela voz.

Durante quatro dias imaginara onde ela estava, se sabia de seu desaparecimento e se alguma coisa também poderia ter acontecido com ela.

“Elisa?”

A jovem avançou alguns passos e a luz finalmente alcançou seu rosto. Era ela. Gabriel sentiu o primeiro alívio verdadeiro desde que acordara naquele quarto e deu um passo em sua direção. A sensação durou pouco, porque uma pergunta surgiu imediatamente.

“Como você me encontrou?”

Elisa olhou rapidamente para a porta aberta atrás de si.

“Não temos muito tempo.”

Gabriel observou-a melhor e percebeu algo que transformou seu alívio em uma sensação muito diferente.

Ela não parecia ter acabado de encontrá-lo. Parecia saber exatamente onde ele estava.

IV - O NOME QUE NÃO EXISTIA

“Não temos muito tempo.”

Elisa falou baixo e voltou os olhos para a porta aberta atrás de si. A pequena chama da vela iluminava apenas parte de seu rosto, mas Gabriel conseguia enxergar o suficiente para perceber que havia alguma coisa estranha na forma como ela se comportava. Não parecia alguém que passara quatro dias procurando por um homem desaparecido e finalmente o encontrara. Sabia onde estava, conhecia o corredor além daquela porta e demonstrava uma preocupação muito específica com o tempo que ainda poderia permanecer ali.

Do lado de fora, continuava escuro. Pela janela estreita próxima ao teto, porém, uma claridade acinzentada começava lentamente a substituir a noite. Durante o cativeiro, Gabriel aprendera a reconhecer a aproximação da manhã por aquela pequena mudança na parede e calculou que ainda não fossem cinco horas. Elisa pediu que se levantasse e prometeu responder às perguntas quando estivessem longe dali. Ele ainda sentia a nuca dolorida e o corpo mais fraco depois de quatro dias com pouca comida e quase nenhum movimento, mas compreendeu que aquela talvez fosse a primeira oportunidade real de escapar.

Seguiu-a pelo corredor sem discutir. Elisa protegia a chama com uma das mãos e avançava com cuidado,

evitando algumas tábuas do piso antes mesmo que elas estalassem sob seus pés. Gabriel percebeu o detalhe e guardou a pergunta. Desceram uma pequena escada de madeira, atravessaram um cômodo cheio de caixas, ferramentas e móveis antigos e chegaram a uma porta que parecia dar para os fundos da construção. Antes de abri-la, Elisa apagou a vela.

A madrugada estava fria e uma névoa baixa cobria os campos. A chuva dos últimos dias havia parado, embora o solo permanecesse úmido e dificultasse os passos. Gabriel tentou reconhecer a região e não conseguiu. Elisa indicou uma trilha estreita entre as árvores e explicou que precisavam se afastar rapidamente, antes que alguém percebesse que a porta do quarto fora aberta.

Durante alguns minutos, ele aceitou seguir em silêncio. A distância entre os dois e a construção aumentava, o céu começava a clarear atrás das árvores e o simples fato de estar novamente do lado de fora parecia suficiente para fazê-lo continuar. Aos poucos, porém, a pergunta que fizera no quarto voltou a ocupar todo o espaço.

Quando chegaram a uma parte da trilha cercada por arbustos altos, Gabriel parou.

Elisa deu alguns passos antes de perceber que ele não a acompanhava.



“Precisamos continuar.”

“Primeiro quero saber como você sabia onde eu estava.”

Ela observou a estrada atrás deles e respondeu que explicaria tudo assim que estivessem num lugar seguro. Gabriel não se moveu. A reação dela, mais do que qualquer resposta, fez com que algumas lembranças da noite do desaparecimento começassem a se organizar. Arthur seguindo em direção a Bellford, a escolha de uma estrada que ele não costumava utilizar e, antes disso, uma mensagem recebida no fim da tarde.

Fora Elisa quem pedira que ele passasse por aquele caminho.

Gabriel sentiu a compreensão chegar antes que conseguisse decidir o que fazer com ela.

“Foi você quem me mandou para aquela estrada.”

Elisa permaneceu em silêncio por alguns segundos.

Quando finalmente confirmou, tentou acrescentar que as coisas não haviam acontecido como ele imaginava. Gabriel perguntou apenas se sabia que alguém estaria esperando por ele. Elisa admitiu que sabia que seria abordado, mas garantiu que acreditava que seria apenas uma conversa e que ele voltaria para casa naquela mesma noite.

Gabriel olhou para ela como se tentasse reconhecer a jovem que conhecia havia meses.

“Eu passei quatro dias trancado naquele quarto porque confiei em você.”

“Eu sei.”

“Não, Elisa. Você não sabe. Minha mãe pode acreditar que estou morto. Meu pai deve ter colocado metade da região nas estradas e Anthony provavelmente está tentando descobrir o que aconteceu comigo enquanto alguém faz questão de colocar o nome dele no meio disso tudo.”

Ela tentou aproximar-se, mas Gabriel recuou.

“Não me peça para entender agora.”

Elisa parou. A expressão que surgiu em seu rosto misturava culpa e cansaço, mas Gabriel ainda estava irritado demais para se preocupar em distingui-los. Disse que pretendia voltar imediatamente para casa e descobrir quem o havia levado. Elisa tentou impedir que ele seguisse em direção à estrada, explicando que aquela seria a primeira direção para onde procurariam caso percebessem a fuga.

“Eu não vou continuar desaparecido porque você decidiu que é mais seguro.”

“Não estou decidindo por você. Estou tentando fazer com que chegue vivo até sua casa.”

Gabriel ia responder quando um som distante os fez olhar na mesma direção. Primeiro pareceu apenas o movimento de alguém atravessando a vegetação, mas os passos se tornaram mais claros e se aproximavam pelo caminho que haviam acabado de utilizar. Elisa empalideceu.

“Eles descobriram!”

A discussão terminou ali. Gabriel ainda não sabia exatamente quem eram “eles”, mas não precisava de outra explicação para compreender que alguém viera atrás dos dois.

Começaram a correr.

Na propriedade dos Shepherd, a manhã também começava mais cedo do que o habitual. O desaparecimento de Gabriel transformara os horários da casa desde o primeiro dia e, antes mesmo que o café fosse retirado da sala de jantar, empregados já atravessavam o corredor levando recados sobre buscas, cavalos e homens enviados para outros vilarejos. Edmund Olson era esperado naquela tarde, e a chegada do magistrado parecia tornar mais concreta uma possibilidade que Lennon evitara durante os primeiros dias: alguém poderia finalmente ser acusado.

Mary estava em seus aposentos quando ouviu uma batida à porta. Imaginou que fosse uma das criadas procurando instruções para a manhã, mas encontrou Lennon do outro lado. O fato de o patriarca ter ido pessoalmente até ali já seria suficiente para indicar que não pretendia discutir assuntos domésticos.

"Podemos conversar?"

Mary abriu passagem.

Lennon entrou e esperou que a porta fosse fechada. Fazia muitos anos que não permaneciam sozinhos naquele quarto e, durante alguns segundos, ambos pareceram perceber a estranheza da situação. Mary passou boa parte da vida evitando transformar o passado em presença dentro daquela casa, mas nos últimos dias tudo aquilo que tentara manter distante começava a reaparecer.

Lennon falou primeiro sobre Harcourt. Disse que o investigador ainda não apresentara qualquer acusação formal contra Anthony, embora existissem elementos suficientes para que ninguém pudesse ignorá-lo como suspeito. Mary ouviu sem interromper até que o canivete, Bellford e a proximidade entre Anthony e Gabriel fossem mencionados novamente. O assunto parecia conhecido demais para justificar uma visita pessoal.

"Por que veio realmente até aqui?"

Lennon demorou alguns segundos antes de responder.

“Você contou a Anthony?”

Mary não precisou perguntar o quê.

“Não.”

“Tem certeza de que ele não descobriu de outra forma?”

“Tenho certeza de que Anthony sabe exatamente aquilo que sempre soube.”

Lennon caminhou alguns passos pelo quarto. A inquietação em seu rosto parecia menos relacionada a Gabriel do que ele gostaria de admitir. Começou a falar sobre a sucessão da família, sobre propriedades que não estavam submetidas às mesmas regras de herança e sobre o fato de Anthony ter nascido antes do filho legítimo. Mary compreendeu rapidamente para onde a conversa caminhava e sentiu a indignação crescer antes mesmo que Lennon tivesse coragem de concluir.

“O senhor acredita que eu e Anthony fizemos alguma coisa com Gabriel.”

“Eu não disse isso?”

“Não precisou.”

Lennon insistiu que precisava considerar todas as possibilidades. Se Anthony soubesse quem era seu pai, também poderia saber que sua posição dentro da família teria sido completamente diferente caso tivesse nascido dentro do casamento. Havia dinheiro, terras e decisões que ainda dependiam de Lennon, e um desaparecimento poderia alterar mais coisas do que qualquer um naquela casa gostaria de admitir.

Mary permaneceu olhando para ele por algum tempo.

"Durante vinte e um anos, Anthony nunca pediu nada ao senhor."

"Isso não significa que não poderia querer."

"Apenas porque o senhor passou a vida inteira pensando naquilo que poderia perder, não significa que meu filho tenha feito o mesmo."

Lennon pediu que ela não transformasse a conversa em outra coisa, mas Mary já não estava disposta a permitir que ele decidisse quais partes da história poderiam ser utilizadas. Lembrou que Anthony crescera naquela propriedade sem saber por que recebia livros, oportunidades e uma atenção que não era destinada aos outros empregados. Se um dia descobrisse a verdade, teria todo o direito de perguntar por que passara vinte e um anos vivendo ao lado do próprio pai como se aquele vínculo nunca tivesse existido.

“E agora o senhor quer usar justamente isso para acusá-lo.”

“Meu filho está desaparecido.”

“O meu também pode perder tudo por causa disso.”

Lennon virou-se para ela.

Mary percebeu que aquela era a primeira vez em muitos anos que falava sem calcular o efeito de cada palavra. Recordou a época em que Cecily estava em Mereford, as promessas que Lennon fazia quando queria convencê-la de que um futuro diferente era possível e as ameaças que surgiam sempre que Mary tentava afastar-se. Durante muito tempo evitara decidir se aquilo fora amor, medo ou uma mistura dos dois. Agora tinha certeza apenas de uma coisa: não permitiria que as consequências recaíssem sobre Anthony novamente.

“Vinte e um anos atrás, o senhor me dizia que deixaria tudo por mim. Quando percebia que eu não acreditava, lembrava que poderia deixar de trabalhar nesta casa se quisesse. Eu era a pessoa que tinha tudo a perder naquela época. Não Anthony.”

Lennon ficou imóvel.

“Isso não tem relação com Gabriel.”

“Passou a ter no momento em que o senhor resolveu transformar o nascimento do meu filho num motivo para suspeitar dele.”

Ele baixou a voz.

“Cecily não sabe.”

Mary quase sentiu pena. Quase.

“Talvez o senhor não devesse ter tanta certeza do que Cecily sabe ou deixa de saber.”

A mudança no rosto de Lennon foi imediata. Mary percebeu o medo que aquela frase provocara e decidiu não oferecer qualquer explicação adicional. Ele perguntou se estava sendo ameaçado e ela respondeu que apenas o lembrava de que segredos só permaneciam seguros enquanto as pessoas que os guardavam encontravam alguma razão para continuar em silêncio.

Quando Lennon saiu, Mary permaneceu alguns minutos diante da porta fechada. Na tarde anterior, contara a Cecily exatamente aquilo que o marido mais temia descobrir. Ainda não sabia o que a patroa faria com a verdade, mas pela primeira vez compreendeu que o medo poderia ser útil.

Anthony passou a primeira parte da manhã nos estábulos. Arthur parecia mais calmo, embora ainda levantasse a cabeça sempre que ouvia vozes se aproximando. Cuidar do cavalo de Gabriel tornara-se uma forma de permanecer próximo do amigo e, ao mesmo tempo, evitar os corredores da mansão, onde qualquer olhar parecia carregar uma nova suspeita.

Enquanto examinava uma das patas de Arthur, ouviu vozes no jardim lateral. Reconheceu Isabelle Brentwood primeiro e teria continuado o trabalho se ela não tivesse mencionado Peter.

Os arbustos altos entre os estábulos e aquela parte do jardim impediam que Anthony enxergasse o casal, mas as vozes chegavam com clareza suficiente. Isabelle dizia que Peter não aceitaria facilmente os planos do pai e parecia preocupada com a rapidez com que Sir William desejava avançar. O marido respondeu que o filho teria de compreender que certas decisões ultrapassavam preferências pessoais. Quando o nome de Sofia surgiu, Anthony interrompeu completamente o que fazia.

“Cecily ainda nem sabe que estamos pensando nisso”, disse Isabelle.

“Vai saber quando for necessário.”

“E se Peter se recusar?”

Sir William respondeu que Peter era jovem e ainda confundia liberdade com a possibilidade de viver sem consequências. Uma união com Sofia aproximaria definitivamente as duas famílias e poderia garantir aos Brentwood uma posição que se tornava cada vez mais difícil sustentar apenas com o próprio patrimônio.

Isabelle permaneceu alguns segundos em silêncio antes de mencionar Gabriel. Não gostava de discutir casamento enquanto o rapaz continuava desaparecido.

"Justamente agora precisamos pensar no que vem depois", respondeu William. "A posição dos Shepherd pode mudar muito nos próximos meses. Não pretendo descobrir tarde demais que deixamos passar uma oportunidade."

Anthony apertou a mão contra a madeira da baia.

Não havia nada naquela conversa que provasse qualquer envolvimento dos Brentwood no desaparecimento. Sir William podia ser apenas um homem suficientemente oportunista para enxergar vantagens em qualquer circunstância, mas a maneira como falava sobre o futuro dos Shepherd enquanto Gabriel ainda estava desaparecido provocou em Anthony uma inquietação difícil de afastar. Quando as vozes começaram a se afastar, Anthony pensou em procurar Peter imediatamente. Não chegou à porta dos estábulos.



Harcourt apareceu primeiro.

“Senhor Leopold, preciso de mais algumas respostas.”

Anthony não conseguiu esconder a irritação.

“Tenho a impressão de que nunca gosta das que eu dou.”

“Talvez porque ainda não tenha dado algumas das mais importantes.”

Harcourt entrou e observou Arthur por alguns instantes antes de voltar ao assunto que parecia interessá-lo desde o início da investigação. Queria saber mais sobre a jovem de Bellford. Dessa vez não se contentou com a existência de uma relação. Perguntou seu nome completo, quem eram os pais, em qual parte do vilarejo viviam, qual atividade sustentava a família, a que paróquia pertenciam e há quanto tempo Gabriel a encontrava.

Anthony respondeu apenas que se tratava de uma jovem simples e que Gabriel mantinha a relação em segredo porque os pais dificilmente a aceitariam.

“Isso eu já sabia.”

“Então por que continua perguntando?”

“Porque seu amigo está desaparecido há quatro dias e a última pessoa que pretendia encontrar continua sem nome.”

Anthony desviou os olhos. Harcourt percebeu.

“Está protegendo a jovem ou protegendo alguma coisa que aconteceu entre vocês?”

“A mim não interessa quem o senhor deseja transformar em culpado. Só quero que Gabriel seja encontrado.”

“Curiosamente, alguém parece bastante interessado em transformar o senhor em culpado.”

Anthony voltou-se imediatamente. Harcourt não explicou. Disse apenas que as evidências contra ele eram convenientes demais para serem ignoradas e, ao mesmo tempo, claras demais para que um investigador prudente deixasse de examiná-las com cuidado. O comentário oferecia algum alívio, mas o tom do homem não permitia que Anthony se sentisse seguro.

“Então acredita que estou sendo incriminado?”

“Acredito que ainda há coisas que o senhor não me contou. Enquanto isso continuar verdadeiro, não pretendo decidir se está escondendo um segredo inocente ou uma parte do crime.”

Anthony compreendeu a mensagem.

Harcourt voltou ao tecido encontrado na estrada e perguntou se o material lhe parecera familiar. Anthony respondeu que talvez já tivesse visto algo semelhante, mas não podia afirmar onde. O investigador aceitou a resposta com uma expressão que deixava claro que voltariam ao assunto.

Quando Harcourt se afastou, Anthony decidiu procurar Mary. Precisava contar alguma coisa antes que os segredos de Gabriel acabassem construindo contra ele exatamente a história que alguém desejava.

No corredor que levava aos aposentos dos empregados mais antigos, encontrou Lennon saindo do quarto da mãe.

Anthony diminuiu o passo. O patriarca também.

Nenhum dos dois disse nada. Lennon apenas ajeitou o casaco e continuou em direção à escadaria, deixando Anthony com uma pergunta que não possuía qualquer relação evidente com o desaparecimento de Gabriel.

Por que Lennon estivera sozinho no quarto de Mary?

Muito longe dali, Gabriel e Elisa continuavam avançando pelos campos. O homem que os seguia não se aproximava o suficiente para ser visto, mas reaparecia sempre que acreditavam tê-lo perdido. Elisa co-

nhecia caminhos estreitos entre árvores e cercas antigas e conseguiu conduzir Gabriel até uma região menos aberta, embora ele já demonstrasse o cansaço provocado pelos dias de cativeiro.

Encontraram um antigo celeiro pouco depois de o sol começar a surgir entre as nuvens. Parte do telhado havia cedido, a madeira estava escurecida pela umidade e não havia sinais de uso recente. Entraram por uma abertura lateral e permaneceram escondidos entre velhas ferramentas e montes de palha até que os passos passassem pela estrada e desaparecessem.

Esperaram ainda alguns minutos. Gabriel foi o primeiro a falar.

“Agora você vai me contar tudo.”

Elisa assentiu. Sabia que não conseguiria adiar novamente.

Explicou que alguns homens a procuraram dias antes do desaparecimento e demonstraram conhecer muito mais sobre sua vida do que deveriam. Sabiam quem era Gabriel, conheciam os encontros em Bellford e sua verdadeira identidade.

Gabriel ficou em silêncio. Aquilo mudava a dimensão da ameaça.

Elisa contou que mencionaram seus pais e a loja de tecidos mantida pela família havia anos. Gabriel co-

nhecia o pequeno estabelecimento e muitas vezes entrara pelos fundos para encontrá-la sem chamar atenção. Sabia que aquela loja sustentava a casa e representava praticamente tudo o que os pais de Elisa haviam conseguido construir.

Os homens ameaçaram destruir o comércio. Não falaram apenas em quebrar janelas ou provocar um incêndio, mas em atingir o crédito do pai, afastar fornecedores e espalhar histórias suficientes para tornar a permanência da família em Bellford insustentável. Também deixaram claro que poderiam revelar quem Elisa realmente era aos Shepherd.

"E foi por isso que me mandou pela estrada?"

Elisa confirmou.

"Disseram que queriam falar com você. Que eu precisava apenas garantir que passasse por ali sozinho e que voltaria para casa na mesma noite. Eu deveria ter contado."

"Deveria."

"Eu estava com medo."

"E eu fiquei quatro dias preso."

A resposta foi dura, mas Elisa não tentou defender-se. Admitiu que fizera a escolha errada e que não espe-

rava ser perdoada simplesmente porque havia sido ameaçada.

Gabriel andou até a abertura do celeiro e observou a estrada vazia.

“Então voltamos para casa e contamos tudo.”

“Não.”

Ele se virou.

Elisa explicou que ainda não sabiam quem estava por trás do sequestro. Durante aqueles dias, porém, começara a perceber uma coisa que a assustava mais do que as próprias ameaças: os homens conheciam informações que dificilmente poderiam ter vindo de alguém distante dos Shepherd.

“Tenho certeza de que quem mandou fazer isso é muito próximo da sua família.”

Gabriel pediu que explicasse a razão, mas Elisa recusou-se a entrar em detalhes. Disse apenas que eles sabiam horários, caminhos, hábitos e conversas que não deveriam conhecer. Algumas informações eram tão específicas que dificilmente teriam sido obtidas observando a propriedade de fora.

“Pode ser um empregado.”

“Pode.”

“Alguém de Bellford.”

“Também pode.”

“Então você não sabe.”

“Não. Mas sei que, se voltar agora, essa pessoa vai descobrir que o plano falhou antes que tenhamos qualquer chance de encontrá-la.”

Gabriel demonstrou pouca paciência com a proposta. Queria ver a mãe, avisar Anthony e colocar Harcourt atrás dos homens que o haviam mantido preso. Elisa compreendia tudo isso, mas insistiu que aquela era a única vantagem que possuíam naquele momento. Os responsáveis ainda acreditavam que Gabriel estava sob controle ou, pelo menos, que seria recuperado em pouco tempo. Se continuassem pensando assim durante algumas horas, talvez cometessem algum erro.

“Está me pedindo para continuar desaparecido.”

“Estou pedindo que use o fato de estar vivo antes que eles saibam que você escapou.”

Gabriel permaneceu em silêncio. O sentimento por Elisa continuava ali, mas havia sido atingido por algo que ele ainda não sabia se conseguiria reconstruir. Parte dele queria abandonar aquele celeiro e retornar imediatamente. Outra parte reconhecia que alguém tivera acesso a informações suficientes para preparar



o sequestro, espalhar evidências contra Anthony e utilizar Elisa sem que nenhum deles percebesse.

Por fim, concordou em permanecer escondido até o dia seguinte.

“Depois disso, eu volto.”

Elisa assentiu.

Gabriel não ofereceu qualquer gesto de carinho. Sentou-se do outro lado do celeiro, mantendo entre os dois uma distância que não existia antes daquela manhã.

Na mansão, Anthony encontrou Mary ainda próxima à janela. Assim que entrou, perguntou o que Lennon queria em seus aposentos. A mãe respondeu apenas que o patriarca estava preocupado com a investigação e preferiu não revelar a acusação que ouvira poucos minutos antes. Anthony percebeu que alguma coisa havia acontecido, mas estava preocupado demais com Harcourt para insistir.

Contou sobre as perguntas, o canivete, o tecido e a possibilidade crescente de que, com a chegada de Edmund Olson, deixasse de ser apenas alguém sendo observado e se tornasse formalmente um suspeito.

Mary ouviu até o fim.

“Então conte a verdade.”

Anthony olhou para ela.

“Prometi a Gabriel.”

“Gabriel não está aqui para ser protegido por essa promessa, e você está.”

“Se eu contar tudo, não vou expor apenas uma jovem.”

“Anthony, alguém está usando aquilo que você esconde para construir uma história contra você. Lealdade não pode significar entregar sua própria vida para proteger uma mentira de outra pessoa.”

A frase fez Anthony pensar novamente em Peter. Dias antes, ele dissera algo semelhante no jardim.

Demorou alguns segundos antes de começar.

“A jovem se chama Elisa.”

Mary não reconheceu o nome. Anthony respirou.

“Mas a senhora conhece Isadora Whitmore.”

A reação foi imediata. Mary lembrou-se da jovem que aparecera algumas vezes na propriedade nos últimos meses e, principalmente, da noite em que Arthur atravessara a casa. Isadora estivera ali. Enquanto todos observavam o cavalo assustado no sa-

lão, fora justamente ela quem sugerira que chamassem Anthony, sabendo que Arthur obedeceria a ele.

"Isadora é a jovem de Bellford?"

"Isadora não existe."

Anthony começou a contar como tudo surgira cerca de seis meses antes. Gabriel conhecera Elisa em Bellford e rapidamente compreendera que a filha dos proprietários de uma pequena loja de tecidos dificilmente seria recebida por Cecily como uma possível companheira para o herdeiro dos Shepherd. Gabriel, entretanto, não pretendia esconder a relação para sempre. Queria encontrar uma forma de fazer a mãe conhecer Elisa antes que a origem da jovem determinasse qualquer julgamento.

A solução fora criar Isadora Whitmore.

Inventaram um sobrenome respeitável, parentes distantes, histórias sobre uma família que vivia longe o suficiente para que ninguém da região pudesse confirmar detalhes com facilidade. Anthony sabia de tudo desde o começo e ajudara principalmente quando Gabriel precisava lembrar quais versões haviam contado a cada pessoa.

A entrada de Elisa na casa fora planejada durante uma pequena recepção realizada na propriedade. Ela aparecera alegando ter recebido uma indicação equivocada e acreditado que outro encontro social acon-

teceria ali perto. Como já começava a escurecer, Cecily achara imprudente mandar uma jovem desconhecida de volta para a estrada e convidara-a a permanecer.

Gabriel fingira não conhecê-la. Anthony também.

A noite funcionara melhor do que esperavam.

Cecily gostara da jovem e, nas semanas seguintes, Isadora aparecera novamente em encontros cuidadosamente organizados até que sua presença deixasse de provocar perguntas. Em poucos meses passara a ser vista como amiga da família e, em algumas ocasiões, hóspede da propriedade.

Mary permaneceu em silêncio depois de ouvir tudo.

"Vocês fizeram isso durante seis meses?"

Anthony quase sorriu.

"Gabriel estava apaixonado."

"E você achou uma boa ideia?"

"Eu também estou apaixonado. Talvez isso tenha prejudicado meu julgamento."

Mary não conseguiu evitar uma pequena reação, mas logo voltou ao assunto.

Anthony explicou que jamais suspeitara de qualquer envolvimento de Elisa no desaparecimento. O pedaço de tecido encontrado na estrada, entretanto, começara a incomodá-lo. Conhecia a loja dos pais dela e lembrava-se de ter visto materiais semelhantes nas prateleiras.

"Vai até Bellford."

"Preciso."

Dessa vez Mary não tentou impedir.

A loja ficava numa das ruas laterais do vilarejo, pequena o suficiente para que praticamente qualquer morador soubesse quem eram seus proprietários. Anthony chegou perto do meio-dia e encontrou a mãe de Elisa atrás do balcão. Pediu algumas tiras de couro para reparos nos estábulos e começou a observar as prateleiras enquanto ela procurava o que precisava.

O tecido azul-escuro estava ali.

Não precisou tocar para reconhecer a cor, mas aproximou-se mesmo assim e examinou discretamente a borda. O material era pesado, de boa qualidade, e uma pequena costura dourada acompanhava uma das extremidades exatamente como no fragmento encontrado na estrada.

Anthony sentiu o desconforto crescer. Não perguntou quem comprara o tecido nem mencionou Elisa. Pagou pelo couro, agradeceu e saiu da loja.

Poucos minutos depois, Elias Harcourt entrou no mesmo estabelecimento.

O proprietário foi chamado ao balcão e reconheceu imediatamente o pedaço de tecido apresentado pelo investigador. Confirmou que vendiam aquele material havia alguns meses e explicou que não era um dos mais procurados porque custava mais do que a maioria das famílias da região estava disposta a pagar.

Harcourt perguntou quem o comprara recentemente.

O homem começou a citar algumas costureiras e duas famílias conhecidas, mas o investigador insistiu nas últimas semanas. Queria saber quem comprara uma quantidade suficiente para confeccionar uma peça inteira e se algum cliente de fora do vilarejo havia demonstrado interesse.

O proprietário pensou durante algum tempo. Então pareceu lembrar-se de alguma coisa.

Harcourt abriu o pequeno caderno que carregava consigo.


CUIRS ET PEAUX
MERCERIE
DRAPERIE
CUIRS

Na mansão, Sofia entrou no antigo quarto de estudos pouco depois do almoço. O cômodo era utilizado cada vez menos desde que ela e Gabriel haviam crescido, e parte dos livros fora levada para outros lugares da casa. Algumas gavetas, entretanto, continuavam exatamente como anos antes.

Sofia abriu uma delas e retirou um desenho.

Não o encontrara por acaso. Sabia onde estava.

Gabriel o fizera durante uma lição com o preceptor quando tinha oito anos. A mansão aparecia exageradamente grande no centro da folha, acompanhada por algumas árvores tortas e figuras que deveriam representar a família. Sofia passou os dedos pelo papel e lembrou-se da tarde em que o irmão o mostrara durante uma reunião na sala de jantar.

Cecily reagira com entusiasmo. Chamou Lennon, mostrou o desenho a Mary e repetiu várias vezes que Gabriel possuía uma sensibilidade especial. Provavelmente não houve qualquer intenção de ferir a filha e, para todos os outros, aquela cena desaparecera com dezenas de lembranças semelhantes.

Sofia tinha cinco anos. Também fizera um desenho naquela manhã. Ninguém perguntara pelo seu.

Durante muitos anos convencera-se de que não se importava. Ainda assim, guardara o trabalho de Gabriel e, de tempos em tempos, voltava a observá-lo

como se precisasse preservar uma pequena prova de uma injustiça que ninguém além dela lembrava.

Ouviu passos no corredor e colocou o papel novamente na gaveta. Fechou-a depressa.

Peter encontrou Anthony pouco depois de seu retorno de Bellford. Esperou que ele atravessasse uma parte dos jardins protegida das janelas da mansão antes de aproximar-se. Perguntou onde estivera durante tantas horas e Anthony respondeu que fora ao vilarejo.

Peter segurou discretamente sua mão.

"Passei a manhã inteira procurando você."

"Fiquei fora por algumas horas."

"Com Gabriel desaparecido e Harcourt fazendo perguntas sobre você, algumas horas são suficientes."

Anthony sorriu e aproximou-se. O beijo não aconteceu; estavam perto demais da casa. Em vez disso, encostou a testa por alguns segundos na de Peter e permitiu-se sentir o conforto daquela proximidade.

Poderia ter contado sobre os pais dele. Pensou na conversa ouvida junto aos estábulos, no nome de Sofia e na forma como Sir William falara sobre uma oportunidade criada pela situação dos Shepherd. Decidiu esperar.

Se encontrassem Gabriel, ele e Peter ainda poderiam partir. O casamento planejado pelos Brentwood não significaria nada quando estivessem longe dali.

"Preciso lhe contar quem Gabriel estava encontrando."

Peter afastou-se o suficiente para observá-lo.

Anthony contou tudo. Elisa, Bellford, a loja de tecidos e a identidade de Isadora Whitmore. Peter interrompeu apenas quando compreendeu de quem estavam falando.

"Aquela Isadora?"

"A mesma."

"A que estava aqui na noite em que Gabriel desapareceu?"

Anthony confirmou e explicou como a identidade fora criada seis meses antes, começando pela festa em que Elisa fingira ter confundido o endereço. Peter ouviu com uma mistura de surpresa e incredulidade.

"Vocês inventaram uma pessoa inteira?"

"Gabriel inventou. Eu apenas ajudei a lembrar das mentiras."

"Isso deveria me tranquilizar?"

Anthony riu.

“Provavelmente não.”

Depois contou sobre o tecido encontrado na estrada e o material idêntico que acabara de ver na loja dos pais de Elisa.

Peter ficou sério.

“Você acha que ela está envolvida?”

“Não sei. Até ontem eu diria que era impossível.”

“E agora?”

“Agora só sei que alguém que esteve perto de Gabriel passou por aquela loja ou conhecia quem passava.”

Peter pensou por alguns instantes.

“Vai contar a Harcourt?”

Anthony olhou para a mansão.

“Vou contar tudo.”

A decisão pareceu surpreender o próprio Anthony.

Peter apertou sua mão antes de soltá-la.

“Então talvez finalmente pare de tentar resolver sozinho os problemas de todas as pessoas desta casa.”

Anthony quase respondeu que pretendia resolver apenas mais um antes de ir embora de vez.

Preferiu ficar em silêncio.

Naquela noite, a propriedade voltou a escurecer sem qualquer notícia de Gabriel.

Harcourt regressara de Bellford com novas anotações e passara boa parte da tarde entre o escritório e a biblioteca. Lennon tentou encontrá-lo duas vezes, mas recebeu respostas vagas. O investigador parecia cada vez menos interessado em apresentar uma conclusão rápida e mais disposto a descobrir por que tantas pessoas naquela casa tinham razões diferentes para esconder informações.

Mary observou tudo à distância.

Quando os corredores começaram a ficar silenciosos, entrou em seus aposentos e abriu a pequena gaveta que evitara desde a noite anterior. As cartas de Isabelle Brentwood continuavam amarradas pela fita antiga. Dessa vez, Mary retirou o maço inteiro.

Durante décadas acreditara que guardar certos segredos era uma forma de proteger pessoas. Nos últimos dias começava a compreender que o silêncio também podia proteger justamente aqueles que haviam causado o problema.


Brentwood

Anthony estava sendo empurrado para o centro da investigação enquanto os Brentwood continuavam circulando pela casa como hóspedes respeitáveis.

Mary decidiu que isso precisava mudar.

Encontrou Harcourt sozinho no pequeno escritório anexo à biblioteca. O investigador levantou os olhos quando ela entrou e percebeu imediatamente as cartas em suas mãos.

Mary fechou a porta e colocou o maço sobre a mesa.

Harcourt ainda não tocou nele. Seu olhar desceu até o primeiro envelope e permaneceu ali tempo suficiente para que Mary percebesse que reconhecera a caligrafia. Isabelle Brentwood.

"Senhor Harcourt, preciso de alguns minutos em particular."

Ele voltou os olhos para Mary.

Ela puxou a cadeira diante da mesa.

"Há algumas coisas sobre os Brentwood que o senhor precisa saber."

V - A PRESENÇA IMPOSSÍVEL

Harcourt continuou olhando para as cartas durante alguns segundos antes de tocar nelas. A fita que prendia o conjunto já perdera quase toda a cor e o papel do primeiro envelope apresentava manchas nas bordas, como se tivesse sido aberto muitas vezes antes de finalmente passar anos escondido na gaveta de Mary.

“Há quanto tempo guarda isso?”

“Mais de vinte anos.”

O investigador retirou a primeira carta, mas não começou a ler imediatamente. Perguntou por que Mary decidira entregá-las justamente naquela noite, depois de tantos anos protegendo o que quer que estivesse escrito ali. Ela pensou em Anthony antes de responder. Durante décadas, acreditara que o silêncio preservava pessoas que amava e evitava que acontecimentos antigos destruíssem famílias que haviam aprendido a conviver com eles. Nos últimos dias começara a perceber que aquele mesmo silêncio podia estar servindo a propósitos muito diferentes.

“Meu filho está sendo tratado como suspeito de uma coisa que não fez. Se alguma dessas cartas ajudar o senhor a olhar para outras pessoas com a mesma atenção, já esperei tempo demais.”

Harcourt desfez a dobra da primeira folha.

As cartas haviam sido escritas por Isabelle Brentwood quando ainda era muito mais jovem e sua relação com os Shepherd era diferente daquela que todos conheciam agora. Algumas tratavam de assuntos aparentemente banais, encontros em Londres, visitas entre as famílias e pessoas que Mary mal se lembrava de ter conhecido. Outras, entretanto, mencionavam um período sobre o qual quase ninguém falava.

Harcourt leu em silêncio durante alguns minutos antes de erguer os olhos.

"Ela fala de um empregado."

Mary assentiu.

O homem trabalhara durante anos para os Shepherd e possuía acesso suficiente aos assuntos da propriedade para conhecer movimentações de dinheiro, contratos e decisões tomadas por Lennon quando ele ainda começava a assumir responsabilidades nos negócios da família. Mary não sabia exatamente o que acontecera, porque a maior parte das conversas daquele período ocorrera longe dos empregados, mas lembrava-se perfeitamente do resultado: o rapaz fora acusado de desviar dinheiro e expulso da propriedade.

"Ele roubou?"

Mary demorou a responder.

“Na época, todos disseram que sim.”

“Não foi o que perguntei.”

“Eu nunca acreditei.”

Harcourt voltou à carta. Isabelle também parecia não acreditar. Em uma das páginas, escrita pouco depois da expulsão, dizia que algumas contas haviam sido alteradas e que alguém estava sendo responsabilizado por um problema maior do que um simples roubo. Não mencionava uma prova concreta, mas fazia referência a papéis que precisavam ser preservados caso a verdade algum dia fosse questionada.

“Lennon estava envolvido?”

Mary olhou para a porta fechada.

“Eu não sei exatamente no quê.”

Harcourt percebeu a escolha das palavras.

“Mas sabe alguma coisa.”

Mary contou que o funcionário havia se aproximado dela nos meses anteriores à expulsão. Eram jovens, trabalhavam na mesma propriedade e haviam desenvolvido uma intimidade que, naquela época, pareceu natural. Nunca chegaram a anunciar compromisso algum, embora algumas pessoas na casa acreditassem que acabariam casados. A relação mudou quando

Lennon começou a procurá-la com frequência crescente. Mary não entrou em detalhes. Não precisava.

“Ele sabia sobre o senhor Lennon e a senhora?”

“Suspeitava.”

“E depois foi acusado de roubo.”

Mary sustentou o olhar do investigador.

“Foi.”

Harcourt tornou a examinar a carta.

“E desapareceu da região?”

“Pouco tempo depois.”

Ela não o via havia mais de vinte anos.

Harcourt perguntou o nome do homem, e dessa vez Mary respondeu. O investigador anotou no pequeno caderno que mantinha junto à mesa, mas não comentou se já o conhecia. Depois separou três das cartas e pediu autorização para mantê-las durante a investigação. Mary concordou.

Antes de sair, porém, Harcourt fez uma última pergunta.

“Sir William Brentwood sabia disso?”

Mary pensou em Isabelle, nas cartas e na proximidade entre as duas famílias.

“Naquela época, não sei. Hoje, eu não teria tanta certeza.”

Gabriel dormiu pouco no celeiro.

Quando abriu os olhos, o sol já havia subido o suficiente para atravessar algumas frestas entre as tábuas. Elisa permanecia sentada perto da entrada, observando a estrada de tempos em tempos. A distância entre os dois continuava praticamente a mesma desde a conversa da manhã anterior.

Gabriel ainda não sabia se estava mais irritado com aquilo que ela fizera ou com o fato de continuar precisando dela.

“Disse que tínhamos até amanhã.”

Elisa voltou-se.

“E ainda temos.”

“Então precisamos fazer alguma coisa além de ficar escondidos.”

Ela sabia que ele tinha razão. Permanecer no celeiro apenas adiaria o momento em que precisariam decidir se voltariam para a propriedade ou procurariam al-

guma informação antes. Elisa explicou que conhecia parte da região ao redor do lugar onde Gabriel fora mantido e acreditava que poderiam observar a construção de uma distância segura. Talvez descobrissem quem retornava para procurá-lo ou qual caminho os homens utilizavam.

Gabriel não gostou da ideia de aproximar-se novamente do cativeiro, mas gostava ainda menos de continuar sem qualquer informação.

“Se alguma coisa acontecer, voltamos para minha casa.”

“Concordo.”

“Mesmo que você ache que ainda não descobrimos o suficiente.”

Elisa hesitou. Gabriel percebeu.

“Não vou desaparecer por mais uma semana porque você decidiu que existe um mistério para resolver.”

“Eu não quero que desapareça por mais uma semana.”

“Já quis que desaparecesse por uma noite.”

A frase produziu o efeito que ele esperava. Elisa desviou os olhos e não tentou se defender.

Saíram do celeiro pouco depois.

Atravessaram campos menos expostos e seguiram por caminhos que Elisa conhecia desde criança. Durante o percurso falaram apenas o necessário. Gabriel percebeu que, mesmo depois de tudo, ainda confiava nela para escolher onde pisar, quando esperar e quais estradas evitar. A constatação não melhorou seu humor.

Quando finalmente alcançaram uma pequena elevação de onde era possível observar parte da propriedade onde estivera preso, encontraram o lugar aparentemente vazio.

A porta lateral permanecia aberta. Não havia cavalos. Nenhum homem circulava pelo terreno.

“Eles foram embora”, disse Gabriel.

Elisa não pareceu aliviada.

Se os sequestradores haviam abandonado o local tão rapidamente, significava que já sabiam que Gabriel escapara. A vantagem que imaginavam possuir começava a desaparecer. Gabriel observou a construção durante alguns minutos.

“Então agora voltamos.”

Elisa ainda tentava encontrar uma razão para esperar quando percebeu movimento próximo à estrada. Os dois se abaixaram atrás da vegetação.

Uma pequena carruagem surgiu ao longe e diminuiu a velocidade diante da propriedade. Um homem desceu, entrou por poucos minutos e tornou a sair.

Gabriel tentou enxergar seu rosto. Não conseguiu.

A distância era grande demais.

O homem entrou novamente na carruagem e seguiu em direção contrária a Bellford.

Elisa ficou observando até desaparecer.

“Ele não veio procurar você.”

“Como sabe?”

“Porque não ficou surpreso por encontrar o lugar vazio.”

Gabriel olhou para ela. Aquela observação era simples, mas suficiente para fazê-lo reconsiderar o retorno imediato.

Talvez alguém ainda estivesse verificando o que restara do plano.



Na manhã seguinte, Cecily encontrou Lennon sozinho na sala de jantar.

Desde a conversa com Mary, mantivera-se distante do marido. Não porque tivesse decidido o que faria com a informação, mas porque ainda não sabia como olhar para o homem com quem vivera durante mais de vinte anos sem lembrar que Anthony estivera diante dela durante todo esse tempo.

Lennon percebeu a mudança.

"Você quase não falou comigo desde ontem."

Cecily continuou servindo o chá.

"Gabriel continua desaparecido. Não tenho tido grande vontade de conversar."

"Não é apenas isso."

Ela levantou os olhos. Lennon reconheceu naquela expressão alguma coisa que o incomodava desde a conversa com Mary.

"Mary disse alguma coisa?"

Cecily demorou o suficiente para que a pergunta se tornasse ainda mais importante.

"Mary diz muitas coisas depois de cinquenta anos vivendo nesta casa."

“Estou falando de Anthony.”

O nome ficou entre os dois. Cecily deixou a xícara sobre o pires.

“Por que Anthony?”

Lennon percebeu tarde demais que talvez tivesse avançado além do necessário. Disse que o rapaz continuava no centro da investigação e que Mary certamente estava preocupada. Cecily ouviu a explicação sem demonstrar se acreditava.

“Você sempre se preocupou bastante com Anthony.”

Lennon ficou imóvel. A frase parecia familiar. Durante anos, Cecily fizera a mesma pergunta de maneiras diferentes e aceitara respostas que agora lhe pareciam absurdamente incompletas.

“Ele cresceu nesta casa.”

“Eu sei.”

“Mary trabalha para nossa família desde antes de nos casarmos.”

“Eu também sei.”

Cecily levantou-se. Antes de deixar a sala, voltou-se para o marido.

“Talvez, quando Gabriel estiver de volta, seja uma boa oportunidade para finalmente conversarmos sobre algumas coisas que deixamos sem resposta por tempo demais.”

Lennon permaneceu sozinho. Pela segunda vez em menos de um dia, teve a sensação de que o segredo que conseguira preservar durante vinte e um anos estava deixando de lhe pertencer.

Harcourt chamou Anthony ao escritório pouco antes do almoço.

Sobre a mesa estavam o pedaço de tecido azul, algumas anotações feitas em Bellford e uma das cartas que Mary lhe entregara na noite anterior. Anthony percebeu o envelope, mas não reconheceu a caligrafia à distância.

O investigador começou pela loja.

O proprietário confirmara que o tecido era vendido ali e conseguira lembrar de alguns compradores recentes. A maior parte não parecia ter qualquer interesse para a investigação, mas um homem que não vivia em Bellford comprara uma quantidade considerável poucas semanas antes. Pagara em dinheiro e não dera endereço para entrega.

“Ele se lembrava do nome?”

“Não.”

“Então não ajuda muito.”

“Ajuda mais do que parece.”

Harcourt explicou que homens desconhecidos compravam tecidos todos os dias sem se transformar automaticamente em sequestradores. O que lhe interessava era outra coisa: o proprietário recordava que o cliente fizera algumas perguntas sobre a família que mantinha a loja.

Anthony imediatamente pensou em Elisa.

Harcourt percebeu novamente a reação.

“Chegou a hora, senhor Leopold.”

Anthony respirou fundo.

Dessa vez não tentou proteger o segredo.

Contou que a jovem de Bellford se chamava Elisa e que seus pais eram justamente os proprietários da loja onde o tecido fora encontrado. Antes que Harcourt pudesse perguntar por que aquela informação fora escondida durante quatro dias, Anthony continuou.

“Mas aqui todos a conhecem como Isadora Whitmore.”

O investigador não demonstrou surpresa imediata. Pediu que explicasse.

Anthony contou sobre a identidade criada por Gabriel, a primeira aparição na propriedade, os encontros organizados e a tentativa de permitir que Cecily conhecesse a jovem antes de descobrir sua verdadeira origem. Harcourt escutou sem interromper durante boa parte da explicação.

"Então Isadora Whitmore não existe."

"Não."

"E essa mulher esteve nesta casa."

"Muitas vezes."

"Na noite em que Gabriel desapareceu?"

Anthony ficou em silêncio. A pergunta trouxe de volta uma lembrança que, diante de tudo o que acontecera nos últimos dias, deveria ter recebido muito mais atenção.

"Sim."

Isadora estivera na casa naquela noite. Anthony a vira pouco antes do jantar e estranhara imediatamente. Gabriel lhe contara que sairia para encontrar Elisa depois que a família se recolhesse. Encontrá-la dentro da propriedade tornava aquilo impossível.

Ele a chamara discretamente para um corredor lateral.

Naquela noite, Elisa parecera perfeitamente tranquila. Quando Anthony perguntou o que fazia ali, ela explicou que Gabriel mudara os planos no último momento e que aproveitara um convite recebido dias antes para visitar Cecily. Disse que os dois haviam decidido encontrar-se em outra ocasião e pediu que Anthony não comentasse nada, porque qualquer pergunta sobre a presença dela poderia comprometer a identidade de Isadora.

Anthony acreditara. Poucas horas depois, Arthur atravessara a casa sem Gabriel.

Harcourt não desviou os olhos dele.

"E nunca achou importante contar isso?"

"Até ontem, eu acreditava que ela não tinha qualquer relação com o que aconteceu."

"Ela era a mulher que Gabriel pretendia encontrar."

"Sim."

"E estava aqui enquanto ele seguia para encontrá-la."

Anthony sentiu o peso da própria resposta.

"Sim."

Harcourt levantou-se e caminhou até a janela.

Anthony tentou explicar que conhecia Elisa havia meses, que Gabriel confiava nela e que tudo aquilo podia ter uma explicação diferente. O investigador não discordou. Disse apenas que finalmente possuíam uma contradição que não dependia do canivete, da herança ou de qualquer suspeita contra Anthony.

“Que história ela contou exatamente naquela noite?”

Anthony repetiu o que lembrava. Harcourt anotou. Depois perguntou quem poderia confirmar a presença de Isadora na propriedade. A resposta era simples: quase todos. Cecily, Sofia, os Brentwood, Mary e vários empregados a haviam visto. O investigador fechou o caderno.

“Gabriel saiu para encontrar uma mulher que já estava dentro da casa.”

Anthony permaneceu em silêncio. Harcourt olhou para o pedaço de tecido sobre a mesa. Depois para a carta de Isabelle.

Pela primeira vez desde que chegara à propriedade, parecia ter informações demais apontando em direções diferentes.

“Agora temos uma pergunta melhor.”

Anthony aguardou.

“O que Isadora Whitmore estava fazendo aqui?”

